


**UNESP**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara/SP**

IARA LALESCA CALAZANS DE ALMEIDA

**“É tudo *baiano*, mas é misturado”**: dinâmica migratória em Américo Brasiliense, aspectos de um problema nacional

IARA LALESCA CALAZANS DE ALMEIDA

**“É tudo *baiano*, mas é misturado”**: dinâmica migratória em Américo Brasiliense, aspectos de um problema nacional

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa:** Diversidade, Identidades e Direitos.

**Orientadora:** Renata Medeiros Paoliello

**Bolsa:** Capes

Almeida , Iara Lalesca Calazans de  
"É tudo baiano, mas é misturado": dinâmica migratória  
em Américo Brasiliense, aspectos de um problema  
nacional / Iara Lalesca Calazans de Almeida - 2020  
89 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita  
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus  
Araraquara)

Orientador: Renata Medeiros Paoliello

1. Migração Interna. 2. Diáspora. 3. Américo  
Brasiliense. 4. Agroindústria . I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

IARA LALESCA CALAZANS DE ALMEIDA

**“É tudo baiano, mas é misturado: dinâmica migratória em Américo Brasiliense, aspectos de um problema nacional**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa:** Diversidade, Identidades e Direitos

**Orientador:** Renata Medeiros Paoliello

**Bolsa:** Capes

**Data da defesa:** 31/03/2020

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Medeiros Paoliello**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Araraquara.

---

**Membro Titular: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emília Pietrafesa de Godoi**

Universidade Estadual de Campinas.

---

**Membro Titular: Prof.<sup>o</sup> Dr. <sup>o</sup> Rafael Alves Orsi**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Araraquara.

**Local:** Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

À minha mãe,  
D. Maria Creuza Calazans de Almeida

## AGRADECIMENTOS

À minha família por todo apoio e paciência.

À minha mãe, D. Maria Creuza Calazans de Almeida, um agradecimento especial, mulher brava, que não foge à luta. Sem o seu apoio incondicional, minha trajetória na carreira acadêmica não teria continuidade.

Ao meu irmão, Giovane Calazans de Almeida, o primeiro da família a cursar o ensino superior em uma instituição pública. Apresentou-me um universo mágico, em que o conhecimento surgiu como porta de entrada para grandes transformações.

Ao meu irmão, Alexsandro Calazans de Almeida, pela proteção e cuidado, pela fala orgulhosa e pelo carinho, tímido, mas largamente acolhedor.

As minhas irmãs, pela compreensão, mesmo que à primeira vista incompreensível, da escolha feita pela caçula da família, a seguir caminhos incertos e tortuosos.

Ao meu pai, figura emblemática para o desenvolvimento deste trabalho. Onde as pernas cansadas, o coração machucado, a subjetividade violada, os olhos cerrados e as respostas desconfiadas, me fizeram entender toda a fragilidade e complexidade do que é ser humano. Que a fome de abraços seja capaz de suprir a sua longa fome de pães.

Ao meu professor de história da educação básica, Luís Humberto Mori. Grande mestre que, me acompanhando por três anos no ensino médio, plantou em mim a semente da curiosidade e desbravamento humano. Obrigada por me dar as mãos e, indicando o caminho, soltá-las na valsa da liberdade.

Ao meu companheiro, Adilson Oliveira dos Santos, pelo amor, afeto e respeito compartilhados nessa longa caminhada que nos espera.

Aos meus amigos e amigas, pelos risos e choros, pela força nos momentos de fraqueza. Por todas as trocas intelectuais. As Ciências Humanas resistem ao fluxo do obscurantismo!

A todos aqueles com os quais conversei em trabalho de campo, obrigada pela atenção, solicitude, cuidado e paciência. Em respeito ao desejo da maioria não divulgarei nomes, mas deixo o registro de que, sem a colaboração de vocês, este trabalho não teria se sustentado.

À minha orientadora, Renata Medeiros Paoliello, quem me acompanha nos desafios da pesquisa desde o início. Obrigada por todo o conhecimento compartilhado, pela leitura cuidadosa e pelas críticas construtivas. Obrigada por sua paciência, ternura e humanidade.

À professora Valeria Barbosa de Magalhães pela atenção e contribuições.

Aos professores e professoras que cruzaram o meu caminho e fomentaram com adubo fértil do conhecimento a minha trajetória acadêmica.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia Contemporânea - UNESP/Araraquara – GEPAC, pelos debates, trocas intelectuais e colaboração no desenvolvimento da pesquisa.

Aos membros desta banca, professores Rafael Alves Orsi e Emilia Pietrafesa de Godoi.

Meus agradecimentos finais à Capes, pelo apoio financeiro indispensável para a realização da pesquisa. “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.”

Quando eu morrer  
Cansado de guerra  
Morro de bem  
Com a minha terra:  
Cana, caqui  
Inhame, abóbora  
Onde só vento se semeava outrora  
Amplidão, nação, sertão sem fim  
Oh, Manuel, Migüilim  
Vamos embora  
Quando eu morrer  
Que me enterrem na beira do chapadão  
Contente com minha terra  
Cansado de tanta guerra  
Crescido de coração

(Assentamento - Chico Buarque)



**Resumo:** O trabalho objetiva colaborar com a produção literária sobre o fenômeno da migração nordestina no país. Para tal, na pesquisa desenvolvida, a atenção se volta à cidade de Américo Brasiliense, interior do estado de São Paulo, como universo empírico de análise. No município, a migração nordestina para os trabalhos nos canaviais foi expressiva. Esses sujeitos transitaram temporariamente e, posteriormente, fixaram-se na cidade, colaborando para desenvolvê-la. Por intermédio da categoria *baiano*, articulada pelos moradores de Américo Brasiliense, nos diálogos em campo, para qualificar esses grupos que migraram para o município e que é carregada, mormente, de teor pejorativo, estabelecemos que a retórica local sobre a migração nordestina – imersa na categoria *baiano* – seria o ponto de partida para a construção da pesquisa. Para o desenvolvimento da pesquisa, o trabalho de campo foi crucial. Além disso, utilizamo-nos de dados históricos disponíveis no site da prefeitura, do censo do IBGE, de relatórios do IPEA, de periódicos de jornais, além da vasta literatura produzida sobre o tema. Compreendemos, a partir da realidade concreta de Américo Brasiliense, que o fenômeno da migração de escassez no Nordeste, que provocou grandes deslocamentos de sua população, deve ser apreendido enquanto fenômeno histórico. Assim sendo, com o objetivo de abarcar os elementos de violência e subjugação na ida-e-vindas dos nordestinos e, apesar desta realidade, apresentar a ampla influência desses sujeitos nos diversos espaços em que se situaram, utilizamo-nos do conceito de diáspora. Nesse cenário, concluímos que essa migração carrega, em sua funcionalidade, sistemas de poder e práticas discursivas que corroboram a representação dos nordestinos sob estigmas, estereótipos e preconceitos, provocando resultados nocivos, confirmando a característica de violência que a migração de escassez integra.

**Palavras-chave:** dinâmica cultural; dinâmica migratória interna; agroindústria; espaço urbano; interior paulista.

**Abstract:** The work aims to collaborate with literary production on the phenomenon of northeastern migration in the country. To this end, in the developed research, attention turns to the city of Américo Brasiliense, in the interior of the state of São Paulo. In the municipality, the northeastern migration to work in the cane fields was expressive. These subjects transited temporarily and later settled in the city, collaborating for its development. Through the baiano category - charged with a pejorative content - articulated by the residents of Américo Brasiliense, in the field dialogues, to qualify these groups that migrated to the municipality, we established that the local rhetoric about northeastern migration - immersed in the baiano category - would be the starting point for the construction of the research. For the development of the research, fieldwork was crucial. In addition, we used historical data available on the city hall website, the IBGE census, IPEA reports, newspaper journals, in addition to the vast literature produced on the subject. We understand, based on the concrete reality of Américo Brasiliense, that the phenomenon of scarcity migration in the Northeast, which caused large displacements of its population, must be understood as a historical phenomenon. Therefore, in order to cover the elements of violence and subjugation in the comings and goings of the Northeasterners and, despite this reality, to present the wide influence of these subjects in the different spaces in which they were located, we use the concept of diáspora. In this scenario, we conclude that this migration carries, in its functionality, power systems and discursive practices that corroborate the representation of the Northeasterners under stigmas, stereotypes and prejudices, causing harmful results, confirming the characteristic of violence that the migration of scarcity integrates.

**Keywords:** cultural dynamics; internal migration; agribusiness; urban space; interior of São Paulo.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>1 FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNOS NO BRASIL</b>	<b>18</b>
<b>1.1 A diáspora nordestina</b>	<b>25</b>
<b>1.2 A migração canavieira</b>	<b>40</b>
<b>2 OESTE PAULISTA HISTÓRICO: DO CAFÉ À CANA DE AÇÚCAR</b>	<b>44</b>
<b>2.1 Américo Brasiliense no Oeste Paulista</b>	<b>47</b>
<b>3 DE CIDADE DOÇURA À <i>CIDADE DE BAIANOS</i></b>	<b>51</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICE A</b>	<b>80</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO A</b>	<b>86</b>
<b>ANEXO B</b>	<b>87</b>

## APRESENTAÇÃO

Um escritor tem obrigação de resolver estes problemas como lhe for possível e durante o próprio processo de escrever, enquanto luta por descobrir o que verdadeiramente tem para dizer. Não me parece possível que ele consiga alguma vez atingir uma objetividade absoluta. Mas os seus leitores estão em melhor posição, a dos ouvintes de Marlowe no *Heart of Darkness* de Conrad: Claro que neste assunto, camaradas, vocês veem mais que eu. Veem a mim. O leitor compreende aquilo que lhe dizem e mais ainda: pelo tom, pela ênfase consciente e tudo o resto, acaba por conhecer o homem que o diz. (HOGGART, 1973, p.22)

Esta pesquisa começou a tomar forma a partir de 2015, quando, ainda na graduação, dediquei-me à literatura sobre as características dos fluxos migratórios no Brasil. Naquele momento, o objetivo era compreender a importância de narrativas de origem para a permanência de migrantes nas cidades de destino. Considerando os grupos estudados, essa narrativa de origem perpassava por um universo rural de origem.

Ali, alvorece o meu interesse particular sobre temáticas que circunscrevem o fenômeno da migração interna nacional e, em decorrência da particularidade dos grupos em estudo, a ruralidade e urbanidade numa perspectiva contemporânea; acrescentado de outras temáticas: territorialidade, mobilidades, narrativas orais, memória e dinâmica cultural.

Ao longo do trabalho, outras questões foram surgindo e a pesquisa tomando novas formas. No mestrado, a preocupação esteve voltada para a compreensão do significado da presença desses migrantes na cidade, tendo como ponto de partida a categoria *baiano*.

A inserção no estudo sobre migrações e seus agentes está diretamente relacionada com minha própria trajetória. Portanto, neste enredo, estabeleço minha figura enquanto pesquisadora.

Sou filha de migrantes nordestinos, moradora da cidade de Américo Brasiliense, interior de São Paulo. Filha de um pai agricultor que trabalhou no corte de cana, na indústria sucroalcooleira, na colheita da laranja e na indústria metalúrgica, não se adaptando nesta última e retornando à Bahia para cuidar de suas terras, como ele mesmo enfatiza: *do canto que é seu*<sup>1</sup>. Ademais, sou filha de uma mulher nordestina que nestas terras paulistanas trabalhou como empregada doméstica, costureira – profissão que trouxe lá de suas origens – e dona de casa. Ela não retornou para sua terra natal, não porque não queira sempre, mas porque escolheu os filhos, permanecendo em trabalho para outros, *em terra de outros*.

---

<sup>1</sup> As expressões e categorias nativas aparecerão ao longo de todo este trabalho em itálico

Sou a quinta de cinco filhos, a caçula e, como D. Maria Creuza gosta de enfatizar sobre o legado deixado aos filhos, todos bem estudados e encaminhados aqui em São Paulo.

Nasci na seca de 1995, no sertão baiano, mais precisamente no povoado de Capelinha, distrito de Capela, mesorregião de Serrinha, no nordeste da Bahia. Período em que, como conta D. Creuza, *não tinha um balde de água doce*<sup>2</sup> para lavar as roupas da criança.

Evidencia-se, portanto, a minha ligação com o tema escolhido e, por conseguinte, com os grupos observados. Na medida em que essa correspondência com a temática da pesquisa exigiu cuidado, disciplina e olhos atentos, de modo similar, essa relação privilegiada colaborou grandemente para o levantamento de dados qualitativos e reflexões sobre o tema desenvolvido no trabalho.

Ouvi, durante toda a minha trajetória, manifestações controversas sobre o fenômeno migratório em Américo Brasiliense e os impactos dessas impressões, ou seja, vivenciei os discursos hegemônicos sobre estes grupos. Assim sendo, além das entrevistas com roteiro semiestruturado, soma-se os diálogos que tive ao longo da vida e, particularmente, aqueles que passei a escutar durante a graduação em Ciências Sociais, a partir do momento em que a migração se tornou tema de meu interesse. Reitero, portanto, a importância da minha vivência que atravessa a produção desta pesquisa. Desta forma, o trabalho aqui realizado, ainda que não seja resultado de minha história de vida, reflete as experiências pessoais, os diversos diálogos acumulados durante toda esta trajetória, agora imersos no projeto de pesquisa.

Essa proximidade não significa que o desenvolvimento da pesquisa se autossustenta na minha vivência. O leitor certamente poderá se interrogar sobre as noções de distância e objetividade em relação ao meu trabalho. No entanto, em acordo com Gilberto Velho (2004), compreendo que estes conceitos devam ser relativizados, na medida em que o exercício de interpretação do pesquisador sobre a vida social e cultural “sempre implica um grau de subjetividade e que, portanto, tem um caráter aproximativo e não definitivo” (VELHO, 2004, p. 129). Além disso, como aponta Velho, ainda que reconheçamos o mapa social<sup>3</sup> das sociedades em que nos inserimos, isso não significa que somos capazes de discernir e tornar inteligível todas as suas descontinuidades nas relações. Desta forma, familiaridade não é sinônimo de conhecimento e uma dose de ceticismo é saudável.

---

<sup>2</sup> É comum moradores do interior tratar a água da chuva, armazenada na cisterna, como a água doce e boa para consumo.

<sup>3</sup> O autor fala sobre mapa social nos termos de Da Matta, em *O Ofício de Etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues"* (1978), sobre hierarquias de categorias sociais que facilitam o conhecimento de sociedades complexas.

No mestrado, a pesquisa de campo se deu em dois momentos, com a observação dos bairros tidos na cidade como de migrantes e com entrevistas abertas, orientadas por um roteiro. Como conversei com migrantes e não-migrantes, o bloco de questões teve conteúdo diverso. Havia perguntas pontuais que norteavam a conversa, mas a linha narrativa caminhou conforme a vontade dos interlocutores.

Os contatos com estes oradores se deu a partir da observação em campo. Com o primeiro contato, outros personagens surgiam enquanto figuras importantes para a narrativa acerca da migração. Ou seja, os interlocutores iam indicando aqueles que julgavam necessários à participação na pesquisa. Essa estratégia apareceu como adequada, na medida em que nas falas desses sujeitos apareciam espontaneamente comentários homólogos sobre a presença dos nordestinos no município.

Os diálogos com os que residem em Américo aconteceram em suas casas. Entre os entrevistados, tinham migrantes da Bahia, Pernambuco, Paraná e amerilienses. Além disso, conversei com um comerciante natural de Araraquara, cidade vizinha, mas que *fez a vida* em Américo Brasileiro. Neste caso, a entrevista aconteceu no estabelecimento comercial do interlocutor. Em respeito aos pedidos de alguns interlocutores de não ter seus nomes divulgados, decidimos manter o anonimato das pessoas que tiveram suas falas transcritas no trabalho, utilizando nomes fictícios.

Com o objeto de relacionar o caso concreto de Américo Brasileiro com o fenômeno da migração nordestina em nível nacional, somado aos dados qualitativos, obtidos em campo, tivemos como material de análise, censos e relatórios sobre os fluxos migratórios no Brasil, produzidos pelo IBGE e pelo IPEA.

Ademais, como tratamos da dispersão dos Nordestinos pelo território brasileiro a partir da grande seca de 1877, buscamos como fonte de informação as notícias do jornal O Estado de São Paulo, veículo de comunicação consolidado no país, sobre as grandes secas que assolaram o Nordeste.

## INTRODUÇÃO

A migração interna é um tema exaustivamente trabalhado pela literatura nacional. A diversidade de motivações para os deslocamentos, as relações complexas que orientam o seu desenvolvimento bem como as consequências daí resultantes têm sido evidenciados por muitos autores, sob diversas perspectivas, sendo elas econômica, geográfica, demográfica, sociológica, histórica, antropológica, entre outras no universo de produção acadêmica e cultural. Nossa abordagem insere-se especialmente na produção socioantropológica.

Quando o trabalhador nacional ganha importância para o desenvolvimento econômico da nação, os deslocamentos internos se tornam expressivos. Mas, antes mesmo da valorização de mão de obra brasileira, os nordestinos<sup>4</sup> em situação de escassez, percorriam terras brasileiras na busca de uma solução para os problemas que assolavam seu lugar de origem, inaugurando o fenômeno que aqui abordaremos como diáspora nordestina. Destes problemas, a seca vai ganhando destaque enquanto causa do êxodo de sua população.

A Grande Seca de 1877/1879 é reclamada como maior expressão da tragédia inserida no fenômeno climático e social recorrente na região. É no seio de tamanha catástrofe natural – tornando-se social, econômica e política – que os retirantes se convertem em embaraço para as autoridades públicas e elites locais, com notícias da seca estampadas nas capas dos principais jornais em circulação no fim do século XIX – destacando-se, pela repercussão, aquelas das províncias do Sul –, denunciando o abandono da população. É também neste momento que nasce a figura do retirante. Em 1877, passa a circular o jornal local de Fortaleza *O Retirante* e, em 1879, José do Patrocínio publica o inaugural romance *O Retirante*. Disso decorre nossa escolha da data de 1877 como o marco histórico da diáspora nordestina no país.

A Grande Seca e outras que virão posteriormente, colaborarão para a formação de um terreno fértil de produções culturais sobre o problema da seca, as quais marcarão o imaginário nacional acerca da região Nordeste e de seus moradores. Aqui, as saídas dos grupos de nordestinos da terra natal vai ganhando contornos cada vez mais significativos, uma vez que se tornam objeto de políticas públicas, de construção de narrativas sobre o êxodo dos sertanejos – marcado pela figura do retirante - formam um arsenal de mão de obra para as diversas regiões em desenvolvimento no território brasileiro – em suas diferentes fases históricas – transformam-se em

---

<sup>4</sup> Vale tomar nota que a região Nordeste como conhecemos hoje é uma construção histórica, remete ao início do século XX. Ver Durval Muniz de Albuquerque Junior (2011).

motivo de preocupação quando o crescimento populacional nos centros urbanos avança, ocasionando em graves problemas sociais, como o de habitação, extrema pobreza, segurança pública, entre outros. Além disso, influenciam profundamente o universo cultural e social do locais de destino em que passam a pertencer.

Das muitas faces do fenômeno, a migração canavieira tem importância significativa, sendo neste universo particular que nossa pesquisa se encontra. Américo Brasiliense é uma cidade do interior de São Paulo, com um pouco mais de 39.000 habitantes. A história de sua formação está inteiramente ligada às usinas, à indústria sucroalcooleira e, por conseguinte, aos trabalhos na lavoura. Esse feito lhe deu a alcunha de cidade doçura. O fato de ser um centro dinâmico na produção canavieira<sup>5</sup> tornou o município atrativo para a migração sazonal.

Se no início esses migrantes eram sazonais e vinham para o corte de cana, com o processo de mudanças laborais – a introdução da mecanização é marcante neste ciclo – a dinâmica migratória se altera: eles passam a se fixar na cidade, o retorno à terra natal não é tão frequente e algumas rupturas são drásticas. Ao mesmo tempo em que há rupturas, surgem novas estratégias para que a permanência na cidade de destino seja profícua.

Esse ciclo de migração, que é rememorado pela população ameriliense desde as grandes levadas de migrantes sazonais até o processo de permanência, com a formação de bairros, abertura de estabelecimentos comerciais por esses migrantes, participação na política local e inserção na vida social da cidade, torna a passagem desses sujeitos pelo município emblemática.

Américo Brasiliense passa a ser notada como uma cidade de migrantes; a depender do interlocutor, sempre de *baianos*. No desenrolar do trabalho de campo, percebemos nas falas dos interlocutores uma narrativa hegemônica de estereótipos acerca da migração nordestina e seus agentes na cidade. A categoria *baiano*, usada para se referir àqueles que migraram e seus descendentes, carregada de conotação negativa, foi o aspecto manancial para compreendermos a pesquisa nessas dimensões. Ainda que não esteja diretamente relacionado a limites geográficos, a representação dos nordestinos enquanto baianos e a delimitação da região Nordeste vinculada quase que exclusivamente ao estado da Bahia predominam na retórica dos moradores do município.

Esse aspecto avultou a curiosidade em se compreender a realidade dos fluxos migratórios em Américo Brasiliense em relação aos dados quantitativos dispostos no censo. Ou seja, se as falas

---

<sup>5</sup> A autora Denise Elias trabalha esses espaços de atividades agrícolas como cidades do agronegócio, o que para Milton Santos seriam as cidades do campo. Sobre o assunto ver Denise Elias (2003), (2007) e (2008) e Milton Santos (1993) e (1996).



sobre a natureza da migração no município se sustentam exclusivamente com as estatísticas ou se guardam questões que ultrapassam dados demográficos. Avaliamos que a narrativa dominante sobre a migração nordestina, a qual retrata o fenômeno e seus grupos de modo invariável, sob categorias estáticas, sem considerar toda a sua dinamicidade e complexidade, revela razões que ultrapassam as oferecidas pelos números de uma migração em massa. Quer dizer, os efeitos do fenômeno nos diferentes lugares em que a migração de nordestino foi expressiva, não pode ser relacionado de maneira direta às estatísticas. O impacto desta migração e seus desdobramentos nos espaços em que se estabelece, como no caso de Américo Brasiliense, abrangem questões sensíveis à dispersão de nordestinos como um fenômeno histórico.

É fato reconhecido a migração em massa entre nordestinos – preponderantemente relacionada ao trabalho braçal – em estados e municípios nos períodos de mudanças e desenvolvimento do país<sup>6</sup>. No Nordeste: do interior para o litoral e zona da mata. No Norte: do Nordeste à Amazônia. No Sudeste: do Nordeste para o Rio de Janeiro; do Nordeste para São Paulo e do Nordeste para Minas Gerais. No Centro-Oeste: do Nordeste para a construção de Brasília. No Sul: do Nordeste para fronteira agrícola de seus estados.

Mas ofereceu o Nordeste apenas braços para essas regiões? Qual a participação desses sujeitos nos espaços em que transitaram ou permaneceram? Quais as relações de poder que se articulam às mudanças no cenário econômico e político brasileiro e que impulsionaram os deslocamentos? Qual o cenário de disputas locais, inter-regionais e nacionais e os impactos simbólicos no imaginário brasileiro?

Os fluxos migratórios no Nordeste estão imersos em relações de poder, de disputas, de estigmatização e de uma formação imagético-discursiva que, apoiada em produções culturais de massa, colaboraram para a representação deturpada sobre a região e seus moradores. Não compreendemos a cultura enquanto fenômeno isolado, pelo contrário, entendemos como uma realidade complexa, inseridas em sistemas de poder – que está em toda a parte na sociedade – que tem o potencial de comunicar e desenhar as relações da vida social.

Destacamos, como objetivo principal do trabalho, compreender os impactos da migração em Américo Brasiliense – considerando todas as transformações no fenômeno – que levou ao discurso retórico de discriminação, estereotípias e massificação dos grupos de migrantes. Tendo em

---

<sup>6</sup> Sobre os fluxos migratórios nordestinos no Brasil ver, Marilda Aparecida Menezes (1996), (1985) e (2002), Paulo Roberto Ribeiro Fontes (2008), Rosani Cristina Rigamonte (2001) e Verena Sevá Nogueira, (2010).

vista que essa retórica está presente nos diversos espaços em que houve fluxos intensos de migração nordestina, com alternância apenas de denominação baiano para cearense, maranhense, paraíba, cabeças chatas e outras, julgamos que a experiência de Américo Brasiliense poderia ser positiva para pensarmos o fenômeno como um problema nacional. Dessa forma, como objetivo suplementar buscamos estudar a migração no Nordeste nos períodos de escassez -e quando a mão obra dessa população adquiriu importância imprescindível para os trabalhos de base no desenvolvimento nacional, resultando na dispersão dos nordestinos pobres. Ademais, tendo em vista os problemas estruturais que cercam a realidade desta gente e os impactos de sua chegada nos locais de destino, procuramos compreender e trazer à tona as relações de poder no processo em que estão inseridos.

Convém tomar nota que a migração na região Nordeste não é exclusivamente uma migração periférica. O posicionamento de darmos maior atenção a esta dispersão – provocada por questões políticas, econômicas, sociais e ambientais – e inseri-la no debate sobre a diáspora, justifica-se no fato de ser essa migração o polo de êxodo populacional.

Nesse cenário, para as análises, utilizamo-nos de autores diaspóricos, destacando-se Stuart Hall e Homi Bhabha e, por conseguinte, do conceito de diáspora, inserindo os deslocamentos nordestinos desde a Grande Seca nesta realidade de dispersão de determinados grupos, significado que a diáspora incorpora. Além disso, as noções de poder, estigma, hegemonia e sistemas de verdade, presentes em Foucault, Bourdieu, Norbert Elias e Raymond Williams nos foi cara para os resultados da pesquisa.

A ordem lógica do trabalho foi dividida em três capítulos.

O primeiro vem com o título de *Fluxos migratórios internos no Brasil*, com dois subtópicos: *A diáspora nordestina* e *A migração canavieira*. Nesse capítulo, buscamos abordar os fluxos migratórios do Nordeste inserido no fenômeno de migração interna no Brasil, considerando as suas transformações ao longo da história. Estudando contextos, passamos a abordar a migração nordestina sob o conceito de diáspora. Avaliamos que recuperar a sua história enquanto fenômeno diaspórico, sob influência de autores pós-coloniais, nos daria condições de olhar para a realidade do problema levando em consideração os elementos de violência e dominação que circundam estas idas e vindas. Diante desse cenário, apresentamos as condições para a formação de estigmas e estereótipos sobre as vítimas do êxodo populacional. O tópico sobre a migração canavieira insere o universo empírico da pesquisa. Importa destacar que o termo vítima é utilizado porque as ações de grupos dominantes proporcionaram e proporcionam diversos momentos de opressão e violência

em relação aos nordestinos da diáspora. Mas isso não significa que são sujeito passivos, antes desenharam a história da qual fazem parte.

No segundo capítulo, apresentamos o processo de formação do Oeste Paulista, região onde se localiza Américo Brasiliense e onde a produção canavieira assume papel importante no seu desenvolvimento econômico e urbano. Nesse trecho, é possível identificar a importância dos migrantes nordestinos – nos primórdios, particularmente, os baianos – para a ocupação do território. Ou seja, a participação de sua população é presente desde o início de ascensão econômica – do café, laranja, pastoreio e cultura canavieira – e desenvolvimento, colaborando para o avanços das pequenas e médias cidades do Oeste Paulista.

No terceiro capítulo, trabalharemos a relação entre a cultura sucroalcooleira no município do interior paulista com os fluxos migratórios nordestinos. Nesse cenário, evidenciamos o fato de ambos os fenômenos – a produção canavieira e a migração – estarem diretamente interligados na formação da cidade. Não é possível separá-los, ao ponto de a *cidade doçura* tornar-se a *cidade de baianos*. Além disso, trouxemos as reflexões sobre os discursos dominantes, produtores de estigmas e estereótipos na cidade, sobre a sua dinâmica migratória. Por fim, apontamos os problemas do universo empírico da pesquisa, o que não é exclusivo desta realidade social, mas aproximam-se de narrativas que atravessam os diversos contextos em que os fluxos migratórios ganharam expressividade.

## 1. FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNOS NO BRASIL

Os deslocamentos populacionais são uma identidade de nossa história. Desde a colonização portuguesa, marcada pela expansão marítima e conquista de territórios, passando pela diáspora negra e os fluxos migratórios internos, a ocupação do espaço nacional e a formação social, econômica e cultural brasileira têm a marca da mobilidade humana.

Quando o clima da abolição se instaura no país e o fim da escravidão torna-se um debate político pela preocupação das elites agrárias, o trabalho livre surge como uma realidade exigindo solução imediata. Nesse cenário, estratégias para corresponder às mudanças em curso são pensadas sob disputas efervescentes.

A partir de 1850, a falta de mão-de-obra aparece como um problema constante para os grandes proprietários de norte a sul do país, servindo para fundamentar tanto os argumentos dos antiabolicionistas como as reivindicações dos que viam na imigração a única solução para os seus males. A fala de trabalhadores livres nacionais, para substituir os escravos, ou a sua alegada incapacidade para o trabalho, era também um argumento constante no discurso dessas camadas, para as quais a escassez de mão-de-obra exigia medidas especiais do Estado, no sentido de encaminhar uma política do trabalho que solucionasse a crise instalada. (ALEGRE, 1986, p. 106)

As elites conservadoras, sob a ótica do racismo, recusam a mão de obra nacional e vão buscar, no europeu branco e civilizado, solução para a “fome de braços”, unindo o útil ao agradável, inicia-se a política de branqueamento nacional.

Como escreve Ledá Medeiros de Menezes (2013), o debate sobre a imigração no Brasil se sustenta sob duas perspectivas particularmente, a do progresso e a da civilização através da entrada massiva dos europeus nas cidades portuárias e, de outro lado, a de políticas imigratórias restritivas contra os indesejáveis, estrangeiros considerados nocivos e perigosos para o desenvolvimento do país. Essa política imigratória denuncia as ambições de uma elite influenciada e, em grande medida, conivente com a instituição parasitária do colonialismo.

Nesse cenário, a política de migração interna só vigorou de fato no contexto entre guerras, sendo mais emblemática no fim da Segunda Guerra Mundial, momento em que a imigração europeia deixa de ser estrategicamente conveniente. Nessa conjuntura, a mão de obra brasileira torna-se objeto de interesse econômico.

Nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial, enquanto diminuía o número de imigrantes estrangeiros, a cada ano, a dos brasileiros não cessava de progredir, ultrapassando 100.000, em 1939. Assim, desde 1920, mas principalmente depois de 1930, cessou a proveniência transoceânica da imigração para São Paulo, substituída por uma grande migração interna. (MONBEIG, 1984, p. 150).

Como aponta Monbeig, o principal núcleo populacional dessas migrações era oriundo da região Nordeste,

Com efeito, eram em grande maioria oriundos dos estados do Nordeste, os brasileiros que demandavam São Paulo. Sem dúvida, topava-se às vezes com homens provindos do Paraná, mais raramente de Santa Catarina ou até do Rio Grande do Sul. Preferiam eles de resto os planaltos setentrionais do Paraná aos de São Paulo. Encontrava-se em toda a parte o “nortista”, habitante do Nordeste. Mais precisamente, dizia-se “baiano”, porque a Bahia foi o principal centro de emigração para as zonas pioneiras de São Paulo e do norte do Paraná. Entre 1936 e 1940, forneceu a Bahia um pouco mais da metade dos trabalhadores nacionais (50,9%), Minas (22,7%), baixando bruscamente as cifras dos outros estados: Alagoas (8,4%), Pernambuco (7,4%), e mais ainda o Rio de Janeiro (2,0%), Sergipe (1,9%), Ceará (1,7%) e Espírito Santo (1,0%). De modo geral, as regiões que mais padeceram da seca, tanto na Bahia, como em Minas, foram os principais focos do êxodo. (MONBEIG, 1984, p. 151)

Para Carlos Vainer, é o momento de “redescoberta das virtudes do trabalhador nacional que, por um determinado lapso, passará a ser o principal alvo do esforço governamental de mobilização para o trabalho.” (VAINER, 2000, p.20)

Com o êxodo rural e a lógica dualista nacional entre campo e cidade, em que o urbano ganha importância, em decorrência dos anseios nacionais de uma industrialização e modernização, a densidade demográfica citadina aumenta substantivamente e essa massa passa a ser incorporada como trabalhadores urbanos para a indústria.

É possível identificar tal preocupação no Plano Nacional de Desenvolvimento, de 1955, apresentado por Juscelino Kubitschek, em campanha presidencial.

A introdução de técnicas mais aprimoradas de lavoura e pecuária (...) conduzem a melhores safras e tendem a reduzir o volume de mão-de-obra correspondente a uma determinada produção. Cria-se, em consequência, um excedente de população, que fica disponível para outras atividades. Só a industrialização poderá absorver esse excedente, proporcionando-lhe trabalho e novas oportunidades para melhoria de seu padrão de vida. O êxodo rural será um sintoma de progresso se tiver como causa real um aumento da produtividade da agricultura, paralelo a uma demanda correspondente de trabalho nas indústrias e serviços urbanos (KUBITSCHEK DE OLIVEIRA, Juscelino apud VAINER, Carlos, 2000, p. 24)

Eunice Durham (1973), Maria Aparecida de Moraes Silva (1992), Afrânio Garcia (1989), José de Souza Martins (1983), Marilda Aparecida de Menezes (1985), Paul Singer (1976), entre outros, são de suma importância para compreender as transformações em curso com a nova relação campo/cidade.

As preocupações do Estado com a densidade demográfica tinham uma relação direta com a questão territorial. Era preciso distribuir a população para que houvesse um equilíbrio regional.

No final do século XX, de acordo com Carlos Vainer, mudam-se as estratégias. Se antes a distribuição populacional era alvo de preocupação no que concerne à ocupação territorial e às questões econômicas, no final do século XX, urge a questão social, decorrente do excesso populacional em algumas regiões:

O conceito de população como recurso cede progressivamente o lugar ao conceito de população como ônus – ou custo. A transferência, no início do governo Collor, das migrações internas da esfera do Ministério do Interior para o Ministério da Ação Social sinaliza o último estágio da trajetória da questão migratória no âmbito do Estado nacional. (VAINER, 2000, p. 29)

As análises sobre a migração interna tomam novo corpo e a literatura passa a rever conceitos e categorias tradicionais sobre o fenômeno. A própria categoria migrante passa a ser questionada e perspectivas estanques, pautadas em lugar de origem/lugar de destino, sem ter em vista a complexidade da mobilização, são renovadas.

À vista disso, concepções clássicas que davam enfoque a motivações exclusivistas, presas na correspondência de causa e efeito de movimentos involuntários, paulatinamente, perdem força. Essa literatura ocultava a agência dos envolvidos no fenômeno migratório e, desse modo, revelou-se insuficiente em suas explicações. É por isso que, em decorrência de peculiaridades envolvidas nos fenômenos observados, emergiram visões alternativas. Eunice Durham, Marilda Aparecida de Menezes, Verena Sevá Nogueira, André Dumas Guedes e Rosana Baeninger são autores que colaboram com inovações, tendo como pressuposto que os movimentos migratórios não podem ser vistos sob um único universo de análise ou compreensão. É preciso partir daquele que se movimenta para entender os reais motivos das idas e vindas.

Eunice Durham, em *A Dinâmica da Cultura*, sinaliza a necessidade de compreender a relação entre lugar de origem e lugar de destino sem se restringir a essas dualidades. Aponta também a importância das redes nos fluxos migratórios, as quais são mobilizadas pelos migrantes para garantir a sua chegada no destino. "A migração não pode ser compreendida simplesmente

como um deslocamento no mapa, mas como um trânsito inserido em uma rede de relações sociais." (DURHAM, 2004, p. 189)

Marilda Aparecida de Menezes (2002) nos apresenta a ideia de que a migração não deve ser considerada apenas como um processo progressivo e linear, que compreende espaços polarizados, como lugar de origem e lugar de destino. A exemplo, a autora analisa camponeses-trabalhadores migrantes do interior da Paraíba que vivenciaram o processo migratório para a zona da mata do estado de Pernambuco, rompendo com a concepção de uma tendência natural, entre esses sujeitos, de passagem da migração sazonal diretamente para a migração permanente ou a perspectiva de que eles, necessariamente, passarão por um processo de transformação que resultará na proletarianização. Menezes ainda acrescenta que a migração deve ser entendida enquanto um fenômeno capaz de ocupar diversos espaços: "Nenhuma análise convencional que trate apenas de uma única estrutura, cultura, comunidade ou sociedade contemplará o fenômeno da migração." (MENEZES, 2002, p. 20).

Guedes, ao considerar as ideias a respeito da noção de movimentos e mobilidades, pontuará os múltiplos significados que esses termos carregam. "Considero assim como o movimento pode se referir à circulação e ao deslocamento espacial; à agitação característica de certos contextos específicos; e às ideias de luta, autonomia e evolução". (GUEDES, 2015, p.1)

Rosana Baeninger sintetiza essas transições nos estudos sobre a migração, em que há um sentido corrente de mudanças no cenário de desenvolvimento brasileiro,

Focalizada no século 21, os processos migratórios nacionais, que imersos em um novo contexto socioeconômico e urbano, imprimem espaços da migração marcados por diferentes "condições migratórias": áreas de retenção de população, áreas de perdas migratórias e áreas de rotatividade migratória. (BAENINGER, 2011, p. 72).

Nota-se que os fluxos migratórios estiveram alinhados às grandes transformações nas sociedades. Como aponta a autora:

Os movimentos migratórios internos no Brasil, dos últimos 60 anos, estão fortemente relacionados aos processos de urbanização e de redistribuição espacial da população, marcados pela intensa mobilidade populacional, e inseridos nas distintas etapas econômicas, sociais e políticas experimentadas pelo país ao longo desse período. (BAENINGER, *ibidem*, p. 71)

A tabela 1 abaixo nos traz dados sobre as trocas migratórias entre regiões nas últimas décadas.

Tabela 1- Trocas migratórias, Brasil, 1995-2004

Regiões e UFs	1995/2000			1999/2004		
	I (Imigração)	E (Emigração)	Trocas	I (Imigração)	E (Emigração)	Trocas
Rondônia	83.325	72.734	10.591	49.046	55.239	-6.193
Acre	13.635	16.069	-2.434	14.777	13.212	1.565
Amazonas	89.626	58.658	30.968	64.001	52.928	11.073
Roraima	47.750	14.380	33.370	38.384	13.325	25.059
Pará	182.045	234.213	-52.168	235.111	187.426	47.685
Amapá	44.582	15.113	29.469	32.525	18.281	14.244
Tocantins	95.430	82.513	12.917	82.312	112.004	-29.69
<b>NORTE</b>	<b>556.393</b>	<b>493.680</b>	<b>62.713</b>	<b>516.156</b>	<b>452.415</b>	<b>63.741</b>
Maranhão	100.820	274.470	-173.650	180.924	258.016	-77.092
Piauí	88.736	140.815	-52.079	119.646	113.952	5.694
Ceará	162.926	186.709	-23.783	141.680	120.574	21.106
Rio G. do Norte	77.917	71.286	6.631	73.494	37.284	36.210
Paraíba	102.005	163.485	-61.480	138.328	95.857	42.471
Pernambuco	164.872	280.289	-115.417	179.932	204.868	-24.936
Alagoas	55.967	127.949	-71.982	81.318	85.668	-4.350
Sergipe	52.109	56.921	-4.812	45.843	43.258	2.585
Bahia	250.572	517.930	-267.358	290.343	378.618	-88.275
<b>NORDESTE</b>	<b>1.055.924</b>	<b>1.819.854</b>	<b>-763.930</b>	<b>1.251.508</b>	<b>1.338.095</b>	<b>-86.587</b>
Minas Gerais	447.836	408.659	39.177	429.438	398.460	30.978
Espírito Santo	129.169	95.149	34.020	107.132	108.669	-1.537
Rio de Janeiro	319.749	274.223	45.526	166.036	255.653	-89.617
São Paulo	1.223.809	884.121	339.688	823.557	978.689	-155.132
<b>SUDESTE</b>	<b>2.120.563</b>	<b>1.662.152</b>	<b>458.411</b>	<b>1.526.163</b>	<b>1.741.471</b>	<b>-215.308</b>
Paraná	297.308	336.998	-39.690	260.478	271.182	-10.704
Santa Catarina	199.651	139.665	59.986	214.287	139.268	75.019
Rio G. do Sul	113.395	152.891	-39.496	116.643	146.372	-29.729
<b>SUL</b>	<b>610.354</b>	<b>629.554</b>	<b>-19.200</b>	<b>591.408</b>	<b>556.822</b>	<b>34.586</b>
Mato G. do Sul	97.709	108.738	-11.029	90.071	97.271	-7.200
Mato Grosso	166.297	123.726	42.571	192.691	81.011	111.680
Goiás	372.702	169.887	202.815	315.571	168.574	146.997
Distrito Federal	216.200	188.551	27.649	152.073	199.982	-47.909
<b>C-OESTE</b>	<b>852.908</b>	<b>590.902</b>	<b>262.006</b>	<b>750.406</b>	<b>546.838</b>	<b>203.568</b>
<b>TOTAL</b>	<b>5.196.142</b>	<b>5.196.142</b>	<b>-</b>	<b>4.635.641</b>	<b>4.635.641</b>	<b>-</b>

Fonte: Baeninger, p. 71, 2011. (Não inclui os imigrantes estrangeiros nem os de UF não especificada)

É possível identificar um recuo das emigrações. Observa-se, nos períodos entre 1999 e 2004, o contingente de emigrantes diminuir consideravelmente na região Nordeste do país.

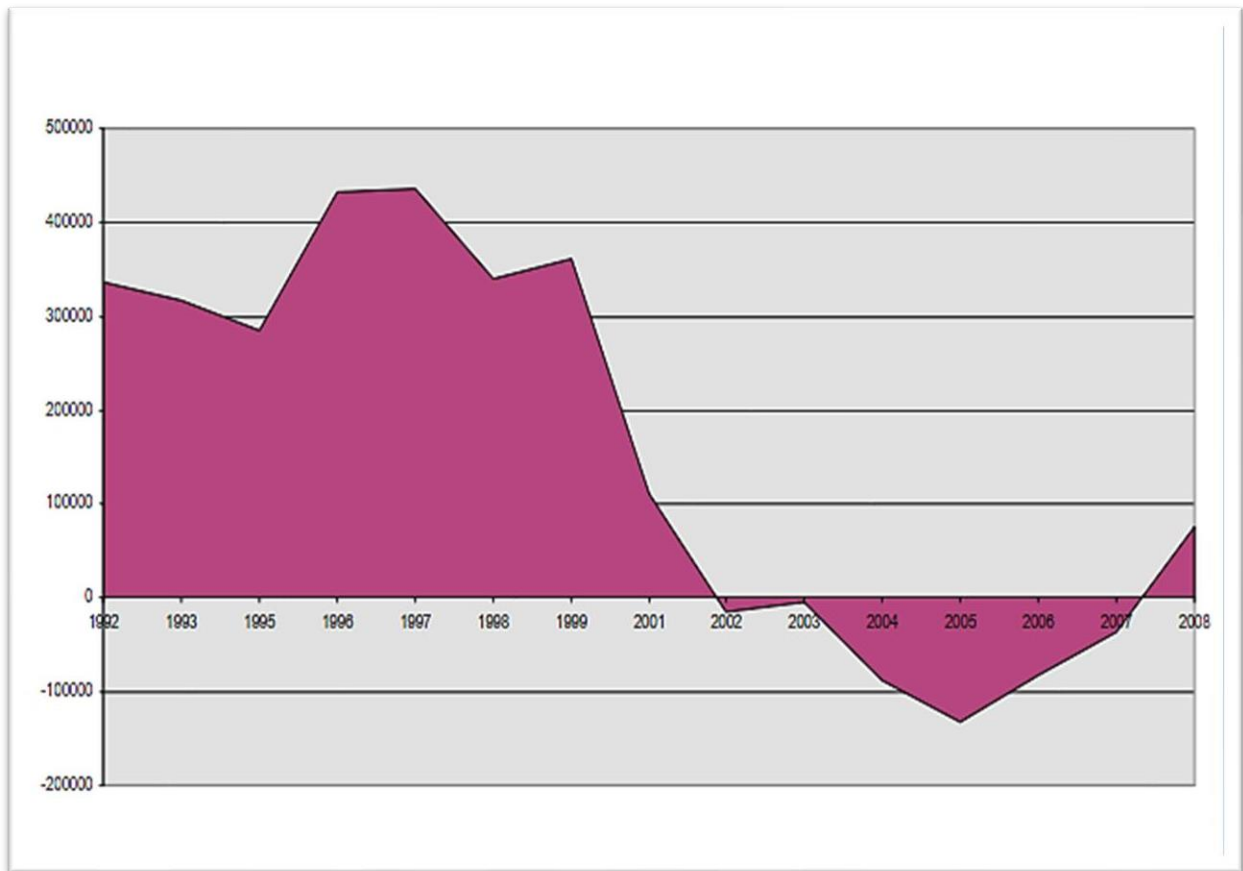
O relatório publicado pelo IPEA<sup>7</sup>, em 17 de agosto de 2010, aponta que nos sete primeiros anos da década de 2000, o fluxo migratório entre Nordeste e Sudeste tem uma mudança significativa, havendo uma inversão deste fluxo. As saídas do Sudeste para o Nordeste

<sup>7</sup> IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Fundação pública federal, vinculada ao Ministério da Economia. Desenvolve pesquisas que dão suporte técnico e institucionais às ações governamentais para formulação e reformulação de políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro.



ultrapassaram a tendência anterior, como demonstra o gráfico abaixo sobre a migração de retorno em as Regiões Sudeste e Nordeste.

**Gráfico 1:** Saldo migratório entre as Regiões Sudeste e Nordeste



**Fonte:** Comunicado do IPEA nº. 61 (2010)

Já em relatório publicado no ano de 2015 pelo IBGE<sup>8</sup>, sobre a PNAD<sup>9</sup>, a pesquisa atesta que diminuiu a taxa de residentes não naturais por unidade de federação e município. Mas confirma o estado de São Paulo como centro receptor dos fluxos migratórios.

<sup>8</sup> IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Principal provedor de dados e informações sobre a realidade País nos diversos setores da vida social.

<sup>9</sup> A PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, teve seu fim no ano de 2015, com publicação dos dados em 2016, sendo substituída pela PNAD contínua.

**Tabela 2** - Distribuição percentual da população residente, por Grandes Regiões, segundo a naturalidade em relação ao município e à Unidade da Federação (2014-2015)

Naturalidade em relação ao município e à Unidade da Federação	Distribuição percentual da população residente (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
<b>2014</b>						
<b>Naturalidade em relação ao município</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Naturais	60,5	60,9	68,5	59,1	56,1	47,0
Não naturais	39,5	39,1	31,5	40,9	43,9	53,0
<b>Naturalidade em relação à Unidade da Federação</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Naturais	84,2	79,6	92,7	81,8	87,6	64,5
Não naturais	15,8	20,4	7,3	18,2	12,4	35,5
<b>2015</b>						
<b>Naturalidade em relação ao município</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Naturais	61,8	61,2	69,6	60,9	57,3	47,2
Não naturais	38,2	38,8	30,4	39,1	42,7	52,8
<b>Naturalidade em relação à Unidade da Federação</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Naturais	84,7	80,0	92,8	82,5	87,8	66,0
Não naturais	15,3	20,0	7,2	17,5	12,2	34,0

**Fonte:** IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2014-2015.

Se considerarmos que a partir da década de 2000 surgem um gama de transformações nos planos político e econômico, podemos admitir que as macro transformações nesse setor influenciaram as mudanças na dinâmica migratória, colaborando significativamente para uma migração de retorno.

No que toca ao setor da indústria sucroalcooleira, em que os fluxos migratórios para o trabalho no corte de cana eram expressivos, aumentam as mudanças nas estruturas laborais, como a mecanização crescente na lavoura. De acordo com Rosemeire Salata (2016), com a mecanização e a inadaptação ao mercado de trabalho, muitos retornam à terra natal.

Como demonstram os dados recentes, a migração nordestina esteve presente em diversos contextos de transformações no país, acompanhando processos de alteração no plano econômico e

político. Convém, portanto, avaliar a mobilidade desse povo enquanto um fenômeno histórico, relacionado com a própria formação do Brasil.

No próximo capítulo, buscaremos refletir sobre a dispersão do povo nordestino e avaliar os aspectos que podem apresentar o fenômeno enquanto um problema de abrangência nacional.

### 1.1. A DIÁSPORA NORDESTINA

E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada. (HALL, 2003, p.415).

O conceito de diáspora está tradicionalmente relacionado à dispersão dos hebreus. Na história contemporânea, é largamente utilizado para classificar os deslocamentos involuntários da população negra por diversos continentes.

Nos dicionários<sup>10</sup>, normalmente a definição do termo está atrelada a duas concepções: dispersões do povo hebreu e/ou dispersão de um determinado povo por razões políticas, econômicas e/ou climáticas.

Nei Lopes, em *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, define o conceito como

Palavra de origem grega significando “dispersão”. Designando, de início, principalmente o movimento espontâneo dos judeus pelo mundo, hoje aplica-se também à desagregação que, compulsoriamente, por força do tráfico de escravos, espalhou negros africanos por todos os continentes. A diáspora Africana compreende dois momentos principais. O primeiro, gerado pelo comércio de escravo, ocasionou a dispersão dos povos africanos tanto através do Atlântico quanto através do oceano Índico e do mar Vermelho, caracterizando um verdadeiro genocídio, a partir do século XV – quando talvez mais de 10 milhões de indivíduos foram levado, por traficantes europeus, principalmente para as Américas. O segundo momento ocorre a partir do século XX, com a imigração, sobretudo para a Europa, em direção às antigas metrópoles coloniais. O termo “Diáspora” serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram. (LOPES, 2004, p. 236)

A diáspora compreendida nos termos em que apresentamos acima aponta para relações de dominação, em que as motivações dos movimentos se articulam com problemas estruturais de alta

---

<sup>10</sup> É possível encontrar essa definição nos principais dicionários da língua portuguesa, a saber: Novo Aurélio, Michaelis e Houaiss.

gravidade em âmbito econômico, político e social, colaborando para a dispersão de determinados grupos.

Tendo como referência trabalhos de intelectuais diaspóricos e pós-coloniais, como Stuart Hall, Edward Said e Hommi Babba, poderemos encontrar condições para compreender os fluxos migratórios nordestinos com características que se aproximam da concepção de diáspora em evidência. A formação de identidades em contextos de hibridez cultural, os impactos na vida social dos que migram e daqueles nos locais de destino, decorrentes da dispersão desagregadora, bem como o processo de construção do outro, sustentado em narrativas dominantes em contextos de disputas, são temas que encontram conformidade e possibilitam um novo olhar para o fenômeno brasileiro.

Hall, em *Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior* escreve sobre o contexto diaspórico de povos pós-coloniais na Grã-Bretanha. Analisa as características das migrações em massa no navio *SS Empire Windrush*, com o objetivo de refletir sobre “as complexidades, não simplesmente de se construir, mas de se imaginar a nação [nationhood] e a identidade caribenhas, numa era de globalização crescente.” (HALL, p.26, 2003).

O tema central que envolve a discussão de Hall são as identidades em um contexto de hibridismo, de “*différance*; uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim.” (HALL, 2003, p.33).

É certo que as diásporas judaica e negra pelo Atlântico e Caribe apresentam grandes diferenças em relação ao fenômeno de dispersão nordestino e, por essas diferenças, as interpretações pedem cuidado e minúcia.

O conceito de diáspora para as migrações nordestinas se relaciona por seu elemento universal: as faces de violência e opressão presentes na dispersão de grupos historicamente marginalizados ou periféricos, expostos aos constrangimentos no fenômeno histórico.

Assim sendo, o uso do conceito pós-colonial para os deslocamentos nordestinos pode ser adequado se compreendermos esses fluxos migratórios em seu sentido político, do nexos entre uma dinâmica migratória histórica e a configuração das relações de poder no Brasil. A dispersão histórica dessas pessoas pelo território brasileiro, ainda que tida como voluntária, envolve elementos de subjugação.

Convém destacar que a migração na região Nordeste não é exclusivamente uma migração periférica. O posicionamento de darmos maior atenção a essa dispersão – provocada por questões políticas, econômicas, sociais e ambientais – e de inseri-la no debate sobre a diáspora justifica-se no fato de ser essa migração, que tem o sertanejo retirante como figura emblemática, o polo de êxodo populacional.

Não pretendemos invocar um mito de origem do nordestino, tampouco nos sustentarmos em tradições como valor fundante. A noção de origem – enquanto identidade – desses grupos se assemelha ao que Hall diz sobre os povos do Caribe.

As questões da identidade cultural na diáspora não podem ser “pensadas” dessa forma (organicista). Elas têm provado ser tão inquietantes e desconcertantes para o povo caribenho justamente porque, entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedade são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas (...) A via para a nossa modernidade está marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial. (HALL, 2003, p. 30)

De um período de prestígio à decadência, dando espaço para novos centros políticos e econômicos; os abalos nas instituições da sociedade do Norte, decorrentes das crises a partir do século XIX; as catástrofes ambientais e sociais e a dispersão em massa de parcela de sua população servirão de material para a construção de narrativas dominantes que dissimularão um universo complexo sob características homogêneas e estereotipadas.

O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio de funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondente (...) Tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram este Nordeste e estes nordestinos. Pois tanto o discriminado como o discriminador são produtos de efeitos de verdade, emersos de uma luta e mostram os rastros dela. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.31)

Nesse cenário, a seca surge como situação-problema e a ineficiência para solucionar as tragédias procedentes do evento afirmam relações de dominação. A constante omissão do poder público, as estratégias de angariar verbas e os casos de corrupção por parte de elite locais,

provocando o abandono dos residentes de uma terra apontada como inóspita, são elementos centrais para entender os deslocamentos sob o olhar que estamos sugerindo.

Durval Muniz de Albuquerque Junior, em *A Invenção do Nordeste*, destaca como a seca na região acabou se tornando um meio de manipulação.

A questão da influência do meio era a grande arma política do discurso regionalista nortista, desde que a seca foi descoberta em 1877, como um tema que mobilizava, que emocionava, que podia servir de argumento para exigir recursos financeiros, construção de obras, cargos no Estado etc. O discurso da seca e sua “indústria” passam a ser a “atividade” mais constante e lucrativa nas províncias e depois nos Estados do Norte, diante da decadência de suas atividades econômicas principais: a produção de açúcar e algodão. A seca torna-se o tema central no discurso dos representantes políticos do Norte, que a instituem como o problema de suas províncias ou Estados. Todas as demais questões são interpretadas a partir da influência do meio e de sua “calamidade”: a seca. As manifestações de descontentamento dos dominados, como o banditismo, as revoltas messiânicas e mesmo o atraso econômico e social da área, são atribuídos à seca, e o apelo por sua “solução” torna-se um dos principais temas dos discursos regionais. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 72)

A Grande Seca de 1877/1879, noticiada sob as rubricas de *A secca do Ceará* ou *A secca do Norte*, é um marco inaugural da dispersão nordestina. Prepara o terreno para a figura emblemática do retirante<sup>11</sup>. Pela gravidade, alcance e contexto histórico, chamou a atenção das autoridades. O imperador afirmou que “venderia até a última joia da Coroa” para solucionar o sofrimento dos flagelados. Dom Pedro II deu ordem para a construção da primeira grande obra hidráulica do continente sul-americano, o açude do Cedro<sup>12</sup>, em Quixadá, no estado do Ceará. A obra foi estudada já em 1882, mas sua realização teve início no período Republicano, em 1890, pela Comissão de Açudes e Irrigação – atual DNOCS<sup>13</sup> – sendo finalizada em 1906.

<sup>11</sup> Em 1877 passa a circular o jornal local de Fortaleza *O retirante*. Em 1879, José do Patrocínio publica seu romance *Os retirantes*, resultado de suas viagens ao Ceará para retratar a grande seca. O trabalho foi divulgado primeiramente em forma de folhetim, no periódico *O Besouro*, em 1878.

<sup>12</sup> Em 1977, o açude foi tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 2015, foi incluído pela UNESCO na Lista Indicativa brasileira de patrimônio mundial. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1656>>. Acesso em 23 de nov. de 2019.

<sup>13</sup> DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Órgão criado em 1909, vinculado ao Ministério da Viação e Obras Públicas, com o nome de Inspetoria de Obras contra as Secas. Em 1919, passou a chamar-se Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS) e, em 1945, recebeu o nome atual. Desde a sua fundação, o órgão teve como objetivo central apresentar soluções para o problema da seca na região Nordeste. Com as denúncias de corrupção em sua administração, o governo federal buscou estratégias mais efetivas. Com a criação da SUDENE, em 1959, o DNOCS passa a ser controlado por essa nova agência.

Antes da seca dos dois setes, há registros<sup>14</sup> de outras tragédias climáticas, tendo como exemplos expressivos a seca dos três setes (1777 a 1778), que arrebatou grande parcela de rebanhos no Ceará e Rio Grande do Norte, e a seca de 1825, que dizimou 14,4% da população da província do Ceará. Segundo Albuquerque Junior, o que garante destaque à primeira é justamente o fato de ter englobado pessoas influentes no período. Soma-se a isso a crescente decadência da região enquanto centro político e econômico.

O ano de 1877 é erigido como um marco da própria decadência regional, como um momento decisivo para a derrota do Norte diante do Sul. Um momento de transferência de poder de uma área para outra. Freyre, por exemplo, atribui a esta seca e ao fim “abrupto” e sem indenização da escravidão o declínio da produção nordestina. Para Freyre, a seca de 1877 contribuiu inclusive para acelerar a própria abolição, já que obrigou a transferência de uma grande quantidade de escravos para o Sul, regionalizando o mercado de trabalho, destruindo solidariedades escravistas ao Norte. Segundo Freyre, a subordinação nortista foi acentuada ainda mais pelo êxodo de inteligências; homens de elite que a seca de 1877 transferiu para o Sul. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 72)

Como mostra Roger L. Cunniff (1975), a apropriação do desastre, naquele momento, por parte das elites políticas e econômicas decadentes, fez da seca um mecanismo de enriquecimento ilícito e triunfo nas disputas por poder.

Essas vantagens da seca convenceram muitos que somente com grandes injeções de dinheiro externo, poderiam continuar desenvolvendo o interior e vencendo seus velhos problemas. Depois de 1880, as províncias do Norte tinham um senso de região que nunca possuiu antes. O bloco da seca, criado durante a crise, havia sido frágil e dependente da ajuda externa para o sucesso, mas ao ensinar aos nordestinos como criar uma indústria das secas, deixou um legado que dominaria a política regional para o próximo século<sup>15</sup>. (CUNNIFF, p. 76, 1975)

Foram quase três anos seguidos sem chuva. Estima-se que morreram aproximadamente meio milhão de pessoas, sendo o Ceará o estado mais atingido pelo desastre.

---

<sup>14</sup> Sobre os ciclos da seca ver Durval Muniz de Albuquerque Jr (1988) e Maria da Conceição Tavares; Manuel Correia de Andrade; Raimundo Pereira (1998).

<sup>15</sup>“They drought windfalls convinced many that only with large infusions of outside money could the continue to develop the interior and conquer their old problems. After 1880 the drought area had a sense of region it had never possessed before. The drought bloc created during the crisis had been fragile and dependent upon outside her for success, but in teaching Northeasterners how to make in industry of the droughts it created a legacy which was to dominate the regional politics for the next century.” CUNNIFF, Roger, The birth of the drought industry: imperial and provincial response to the great drought in northeast Brazil, 1877-1880.

A cobertura nos jornais foi substancial para o alcance nacional. A produção do horror, do caos, da miséria e do flagelo na região ficou marcado de modo pungente. O trecho abaixo, publicado no jornal *A Província de São Paulo*<sup>16</sup>, em 03 de jan. de 1878, é exemplo notável.

Horrores da fome – Um telegrama da Bahia, de 31 do passado, refere:

Recebemos horrorosas notícias do Ceará. Dizem os jornaes que as estradas estão juncadas de cadáveres putrefactos, que estão sendo devorados pelos cães e pelos urubus. Narram scenas dolorosas. Calcula-se em cerca de mil as pessoas que têm morrido de fome em diversos logares. Existem em Aracaty 41, 000 pessoas, e na capital 75, 000. Morrem cerca de 30 e 40 pessoas por dia. Sopra um nordeste abrasador. Reinam febres graves e o beriberi. Na Parahyba, e no Rio Grande do Norte a secca tambem está produzindo terriveis efeitos, porém não tanto como no Ceará.<sup>17</sup>

Como constataam Joaquim Marçal Ferreira de Andrade e Rosângela Logatto (1994), as fotografias de Joaquim Antonio Corrêa<sup>18</sup>, enviadas por José do Patrocínio em 1878 à revista *O Besouro*, expondo a condição miserável da população atingida pela tragédia, são pioneiras no fotojornalismo.

Patrocínio fazia a cobertura do evento, com publicações na primeira página do periódico carioca *Gazeta de Notícias*, sob o título de “Viagem ao Norte”. As imagens tinham como objetivo reforçar as denúncias feitas pelo autor sobre o quadro de calamidade que assolava o Nordeste, como demonstra o comentário publicado no periódico *O Besouro*.

O Ceará,

Nosso amigo José do Patrocínio, em viagem por aquella província, enviou-nos as duas photographias por quem foram feitos os desenhos da nossa primeira página. São dois verdadeiros quadros de fome e miséria. E’ n’aquelle estado que os retirantes chegam á Capital, aonde quase sempre moreem, apesar dos apregoados socorros, que segundo informações exactas são distribuídos de uma maneira improfícua.

A nossa estampa da primeira página é uma resposta cabal áquelles que acusavam de exageração, a pintura que se fazia do estado da infeliz provincia.

Repare o governo e repare o povo, na nossa estampa, que é a copia fiel da desgraça da população cearense.

<sup>16</sup> A província de São Paulo era o nome do jornal hodiernamente conhecido como O Estado de São Paulo. A alteração se deu após a independência do Brasil.

<sup>17</sup> Trecho retirado do acervo digital O Estadão. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18780103-864-nac-2-999-2-not>>. Acesso em: 18 de nov. de 2019

<sup>18</sup> Na publicação original, não foi dado o crédito das fotografias ao fotógrafo Joaquim A. Corrêa, cujo ateliê ficava em Fortaleza. A autoria das ilustrações foi dada a Rafael Bordalo Pinheiro.

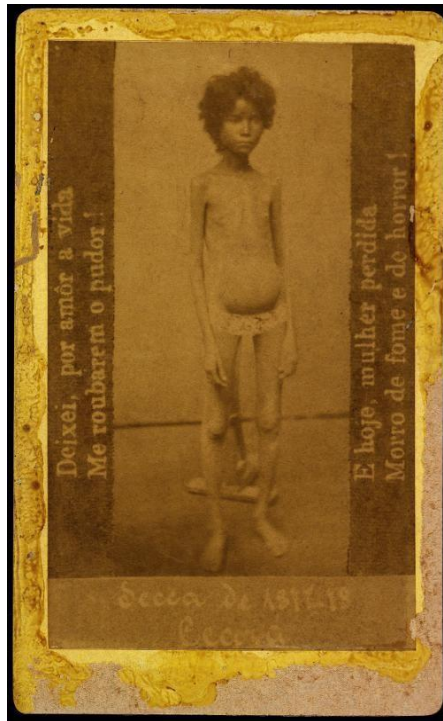


Continuaremos a reproduzir o que o nosso distinto colega nos enviar a tal respeito.  
(O Besouro, p.122, 1878)

São 14 fotografias que compõe o acervo<sup>19</sup>. Apresentam crianças sozinhas ou ao lado dos pais, adultos e idosos. Corpos cadavéricos denunciavam as consequências de um problema que se tornaria mecanismo de expulsão, manipulação, violação de direitos e opressão na realidade nordestina.

As figuras 2 e 3 foram escolhidas para estampar a primeira página da revista. Na publicação original, abaixo das fotografias, havia a legenda “Estado da população retirante... e ainda ha quem lhes mande farinha falsificada e especule com eles!!!”.

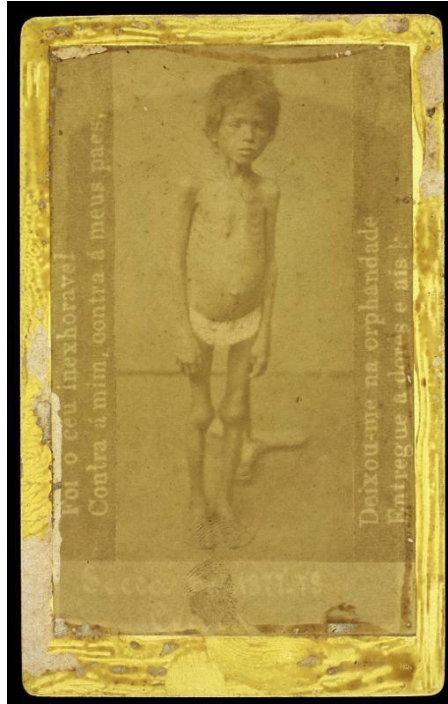
**Figura 1-** Secca de 1877-78. CORRÊA, J. A.



**Fonte:** Biblioteca Nacional (Brasil)

<sup>19</sup> Todo o acervo está disponível na Brasileira Fotográfica. Disponível em <<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/browse?value=Corr%C3%AAa%2C+J.+A.&type=author>>. Acesso em 18 de nov de 2019.

**Figura 2** - Secca de 1877-1878. CORRÊA, J. A.



**Fonte:** Biblioteca Nacional (Brasil)

A retórica discursiva escolhida pelos meios de comunicação da época, as imagens perpetuadas, o envolvimento do Estado, as elites agrárias em decadência e sua preocupação com o avanço dos pobres para as capitais e o alcance nacional fizeram da Grande Seca o marco histórico para a identificação da população que sofria com o flagelo, na condição de grupos desorientados e dispersos no território nacional.

Depois da Grande Seca, cada vez mais os ciclos de crise passaram a ser registrados de modo enfático, dando notoriedade ao problema enquanto catástrofe. As secas de 1915 e 1932 são sintomáticas. Manifestando-se em produções culturais, a seca e suas vítimas, sem ter onde se acomodar, exploradas como questão social, surgem para os governantes como um inconveniente político.

*O Quinze*, de Raquel de Queiroz; *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e José Américo de Almeida, em *A Bagaceira*, são expressivos na literatura regionalista. Esses autores trazem a figura do retirante como personagem central. A seca aparece como causa imediata para a expulsão do pobre nordestino de sua terra natal.

Nesse cenário, essas obras passam a denunciar as relações dominantes no universo social do Nordeste, confirmando a existência do abandono, por elites locais e pelo Estado, em que os atingidos pelos dramas da seca subsistiam em condições alarmantes.

O personagem Chico Bento, em *O Quinze*, vaqueiro de família tradicional, é obrigado a abandonar seu povoado e sua gente em busca de trabalho na capital cearense. Nem mesmo a relação de compadrio garante sua presença no interior. O trecho abaixo, retirado da obra de Raquel de Queiroz, apresenta questões expressivas, na literatura acadêmica, como a relação de compadrio, a personalidade do vaqueiro, morador das terras de elites agrárias, a seca e a figura emblemática do retirante. Sua patroa, Dona Maroca das Aroeiras, deixa o recado:

Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de S. José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço na fazenda.  
Sem mais, do compadre amigo ... (QUEIROZ, 1978, p.14)

Outro elemento importante que está presente em *O Quinze* são os campos de concentração ou currais do governo no século XX, em que se abrigavam retirantes com objetivo de evitar a chegada em massa dessas pessoas até as capitais.

Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração.  
Às vezes uma voz atalhava:  
– Dona, uma esmolinha ...  
Ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento.  
Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente imunda, de latas velhas, e trapos sujos! (QUEIROZ, 1978, p.14)

Os governos, central e estaduais, decidiram que o problema da dispersão das vítimas seria resolvido com a construção de campos<sup>20</sup>, em que os “acolhidos” prestariam serviços à comunidade. Os campos eram instalados em lugares estratégicos, perto de vias férreas, para evitar a partida dos retirantes, ou de obras públicas em curso, onde os braços destas pessoas seriam aproveitados para os trabalhos.

---

<sup>20</sup> Sobre os campos de concentração nas secas ver Fredereico de Castro Neves (1995) e Kênia Souza Rios (2004).

Em *Vidas Secas*, é a família de Fabiano que se retira uma, duas vezes. Graciliano retrata os abusos sofridos pelo personagem principal na fazenda em que trabalha como vaqueiro. Quando a seca retorna, resta a escolha de ida ao Sul, tentar novo caminho para sobreviver. Escondido, a passos rápidos e firmes, de modo a evitar conflito com seu patrão. A esmo.

Não sentia a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que emprestavam o caminho. As palavras de Sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de Sinhá Vitória, as palavras que Sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos (RAMOS, 2002, p.126).

Não foi só a literatura regionalista a grande colaboradora para a produção cultural sobre o problema da seca na região. As artes plásticas têm um papel preponderante neste sentido. A obra de Tarsila do Amaral, *Segunda Classe* (1933), é representativa.

**Fotografia 1** - *Segunda Classe* (1933), Tarsila do Amaral



**Fonte:** Exposição Masp, 2019, fotografia de autoria própria

Candido Portinari, em *Retirantes*, também representa – sob a visão tradicional consolidada após a Grande Seca – as mazelas que assolavam aquele povo. É consenso entre a crítica a importância do trabalho desse artista enquanto denuncia social.

**Figura 3 -** *Retirantes* (1944), de Candido Portinari



**Fonte:** Acervo digital do MASP<sup>21</sup>

No que diz respeito à produção cinematográfica, Os filmes *Vidas Secas* (1963), *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) e *Os Fuzis* (1964) são expressivos enquanto representação simbólico-cultural dos dramas que assolavam a região.

Na seara de denúncia social sobre as fatalidades da seca, são produzidos uma gama de ensaios, trabalhos de fotojornalismo, periódicos, ilustrações, audiovisuais, literatura e militância de um regionalismo expressivo em defesa da região Nordeste. Os intelectuais do litoral – em sua maioria ligados às elites locais – passam a desenhar um Nordeste capaz de se autoafirmar e ganhar espaço dentro de uma identidade nacional, em oposição à supremacia de estados, imposta pela República.

Gilberto Freyre é o autor mais expressivo na defesa desse regionalismo no que se refere à solução para a decadência nordestina, que assombrava o presente e saudosamente trincava os pés

<sup>21</sup> Imagem do acervo digital do Museu de Artes de São Paulo. Disponível em: <<https://masp.org.br/acervo/obra/retirantes>>. Acesso em: 24 fev. 2020.

no passado. “Há dois ou três anos que se esboça nesta velha metrópole regional que é o Recife um movimento de reabilitação de valores regionais e tradicionais desta parte do Brasil. (FREYRE, 1996, p.1)

O *Manifesto Regionalista*, apresentado em 1926, no Primeiro Congresso Brasileiro do Regionalismo, em Recife, defendia os valores tradicionais daquele Nordeste em transformação. O grupo modernista-regionalista de Recife evidenciava os conflitos implícitos na relação tradição-modernidade. Seu livro *Nordeste: Aspectos da influência da cana sobre a vida e paisagem do Nordeste do Brasil* é uma exaltação exacerbada do passado vitorioso nordestino – em que o Recife surge como a metrópole regional – de todas as qualidades e benfeitorias realizadas pela cultura da *plantation* na região.

Guardada a importância do autor para os estudos sociais no Brasil, Freyre colabora substancialmente para a invenção do imaginário sobre o Nordeste, sustentando seu discurso sob tradicionalismo, dualismo e uma visão sincrônica do espaço. Há um apego ao rural colonial que não se desprende do projeto freyreano.

Aparece marcadamente, nesse contexto, o Nordeste dual, do litoral e do sertão, como espaços distantes e deslocados. O interior das secas, do flagelo, da situação problema, carregará a marca distintiva do atraso local. Quando se trata de fluxos migratórios, a narrativa dominante é sobre esse Nordeste, terra inóspita e inabitável.

A ampla produção cultural desenvolvida em torno da seca tem como referencial o espaço e os personagens atingidos pelo fenômeno, ou seja, o sertão nordestino e o sertanejo. Se por um lado, essa produção denunciou os problemas sociais, as desigualdades econômicas e as ações políticas por parte de elites agrárias e do poder público; por outro, também colaborou para a formação dos discursos hegemônicos sobre a identidade das populações que migravam.

Personagens tidos como típicos da região, como o retirante, o coronel, os cangaceiros, os vaqueiros são pessoas colhidas na catástrofe, tornadas personagens na imprensa, na literatura, na pintura, no cinema, na narrativa estética, com intenções diversas e em diferentes momentos.

Depois da queda dos campos de concentração, em que os resultados foram perniciosos e o termo passou a se relacionar com as atrocidades cometidas na Segunda Guerra Mundial, encontramos registros de políticas migratórias mais “racionalis” para atender à massa dos retirantes que não deixaram de existir.

A marcha para o Oeste, sob o governo de Vargas, em que se visava à ocupação e ao desenvolvimento dos territórios do Centro-Oeste e do Norte, é expressiva. Aliado a esse projeto de domínio territorial, temos ainda, no período do Estado Novo, ações de incentivo para migração nordestina, conhecida como “A batalha da borracha”, em que arrebatou milhares de trabalhadores, “os soldados da borracha”<sup>22</sup>, para a produção de matéria-prima estratégica. Um projeto articulado entre o Brasil e Washington, com ampla campanha de guerra, que serviu primordialmente às necessidades do evento bélico.

Os incentivos para a migração começaram já em 1940, anteriores, portanto, aos Acordos de Washington, na forma de distribuição de passagens gratuitas para quem se dispusesse a migrar para a Amazônia. Ao mesmo tempo, resolvia-se em parte, e de forma bastante tradicional, o problema da seca que novamente grassava pelo sertão do Nordeste. Por outro lado, supria-se de mão-de-obra barata um setor da economia que estava em crise. (GUILLEN, 1997, p.96)

Importante observar que nesse contexto já agudizavam no país os conflitos por terras. O cenário político da guerra fria, posterior à Segunda Guerra Mundial, e a estrutura agrária, centrada em latifúndios, fazem com que, a partir da década de 50, a disputa por terras na região Nordeste ganhe expressão. No momento em que trabalhadores rurais passam a pressionar os grandes latifúndios, com o ressurgimento das ligas camponesas, emerge outro cenário de ações que, aproveitando a situação das populações nordestinas, estimulam intensamente a migração.

Nesse cenário de convulsão social, aparece o cangaço, compreendido como movimento subversivo e revolucionário, impulsionado pelas produções culturais e apropriado por grupos de esquerda.

É no final da década de 50 que surge a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) a fim de dar suporte ao projeto desenvolvimentista, com o objetivo de criar soluções efetivas para os problemas que arrastavam como insolúveis na região.

Com o desenvolvimento das lutas sociais no campo, a questão começou a tomar seus contornos mais característicos, colocando em jogo o pacto político vigente. Nesse contexto, intensificaram-se os debates sobre a questão ao nível das classes dominantes, num esforço de responder não mais em termos retóricos, mas sim concretamente, à incipiente estruturação de novas respostas que poderiam romper

---

<sup>22</sup> Sobre o assunto ver Alcino Teixeira Mello (1956), Lucia Arrais Morales (2002), Francisco Eleud Gomes da Silva (2015) e o documentário *Soldados da Borracha*, produzido em 2009 pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kf4I79Ye-HM>>. Acesso em: 24 fev. 2020.

radicalmente com as relações de poder dominantes. A primeira resposta a esse fato foi a criação da SUDENE. No final do governo Kubitscheck, a questão agrária era transformada na Questão Nordeste. Buscava-se, assim, matizá-la regionalmente, criar condições para resolvê-la tecnicamente e, poderíamos acrescentar, demograficamente. O problema, que era de confronto de classes, aparecia como um desequilíbrio regional. (MEDEIROS, 1982, p. 109).

Segundo Carlos Vainer, a SUDENE, mesmo se configurando por um programa preocupado com questões econômicas, atendia a anseios políticos, de controle social, amparados em políticas migratórias. Exemplo disso são as frentes de empregos nas obras públicas, criadas pela órgão.

Outro evento que merece destaque, também na década de 50, é a construção de uma nova capital para o país. O empreendimento nacional terá a presença expressiva do nordestino na construção civil, os candangos em Brasília.

Temos, portanto, um cenário de diversos momentos históricos, em que as ações políticas, os projetos de desenvolvimento nacional e a situação desfavorável da população vulnerável na região nordeste se unem, resultando em fluxos migratórios em massa. E, nesse universo, o problema da seca ressurgue recorrentemente.

A tabela, retirada do texto *Secas no Nordeste: registros históricos das catástrofes econômicas e humanas do século 16 ao século 21*, de José Roberto de Lima e Antonio Rocha Magalhães (2018), traz dados referentes a períodos de seca do século 16 ao 21 no Brasil. Tendo como referência a Grande Seca de 1877-1879, considerada pela literatura como o momento em que o flagelo se torna uma preocupação nacional, encontramos uma sucessão de ciclos da seca. Ao lado do evento climáticos, estão estratégias estatais em busca de soluções para o problema. A citar os projetos de engenharia com objeto de utilizar os recursos hídricos na região, acentuam-se os açudes, poços artesianos e cisternas, projetos de infraestrutura e as frentes amplas. Destacam-se os períodos de 1914-1915, 1932-37, 1951-54, 1958-59, 1966 e 1970 até 1999.



**Tabela 3** - As secas ao longo da história no Nordeste.

Século 16	Século 17	Século 18	Século 19	Século 20	Século 21
1553	1603	1709-11	1803-04	1900	2002-03
1559	1606	1720-27	1808-10	1903-04	2005
1583	1614-15	1730	1816-17	1907	2007-08
1587	1645	1734-37	1824-25	1909-10	2010
	1652	1744-48	1827	1914-15	2012-17
	1692-93	1751	1830-33	1917	
		1754	1835-37	1919	
		1760	1842	1921-22	
		1766	1844-47	1930	
		1771-72	1877-79	1932-37	
		1776-78	1888-89	1941-45	
		1782-84	1891	1951-54	
		1790-94	1898	1958-59	
				1962-64	
				1966	
				1970	
				1976	
				1979-83	
				1986-87	
				1992-1993	
				1997-1999	

**Fontes:** Magalhães et al (1988); Marengo et al. (2017); Melo (2016); DNOCS et al. (1985).

Hall escreveu sobre as narrativas diaspóricas que “a pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidade, (...) podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor.” (HALL, 2003, p.28).

Essas características são representadas, na narrativa literária regional, sobre os retirantes da seca. Narrativa que traz um aspecto bíblico do velho testamento, do êxodo judaico e do retorno para a terra prometida. Por caminhos tortuosos, perde-se tudo. Os filhos, os bichos, a sua própria subjetividade. Restando-lhes apenas ausências, esperanças, redenções e promessas de liberdade, de volta à terra prometida.

No curso histórico da diáspora nordestina, os trabalhos nos canaviais assumem grande importância. A morte de trabalhadores “nas profundezas do mar de cana” SILVA (2006) é uma realidade cruel no grande setor sucroalcooleiro. É nesse cenário que se encontra o universo empírico desta pesquisa.

## 1.2. A MIGRAÇÃO CANAVIEIRA

Dizem que todo trabalho  
É digno e não é verdade  
Cortar cana, quebrar pedra,  
É uma barbaridade,  
Trabalho que o homem faz  
Por pura necessidade  
(...)  
Milhares de nordestinos  
Deixam seus berços natais  
Migram pra outros estados  
Em busca de ideais  
Muitos perdem a liberdade  
Dentro dos canaviais  
(Pedro Nonato da Costa)<sup>23</sup>

Na história da diáspora nordestina, a migração canavieira merece destaque. Os braços “livres” da região têm uma participação predominante no centro dinâmico de economia agrícola, considerada como um dos setores mais desenvolvidos e lucrativos no país.

A experiência de Américo Brasiliense insere-se nesse cenário, também atingida pelas transformações na dinâmica migratória para os trabalhos nos canaviais, com a evolução tecnocientífica, mudanças de contratos empregatícios e alteração nas relações laborais, com novas exigências por parte dos empregadores. (SALATA, 2016)

A partir de estímulos de programas estatais<sup>24</sup> ao cultivo de cana-de-açúcar, unindo aspectos circunstanciais (como o aumento na demanda do açúcar no mercado americano, em decorrência do bloqueio do produto cubano em 1959; a valorização no mercado internacional na década de 70, devido à elevação dos preços internacionais do petróleo, e a conseqüente demanda de álcool

<sup>23</sup> Pedro Nonato da Costa é um repentista piauiense, membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. O trecho do cordel citado foi retirado da obra Geografia do Nordeste. Ver em Aristotelina Pereira Barreto Rocha, et al. (2010).

<sup>24</sup> Tais como o IAA – Instituto do Açúcar e Alcool, instituído em 1933, Planalsucar em 1971, Programa de Racionalização da Indústria Canavieira, Programa de Apoio à Indústria Açucareira, e a criação do PROALCOOL - Programa Nacional do Alcool em 1975.

hidratado), ao baixo custo de produção canavieira – graças a investimentos técnicos e científicos em novas variedades de cana de maior produtividade – e a valorização do etanol, como alternativa para energias limpas; o setor sucroalcooleiro tornou-se um centro dinâmico de trabalho, impulsionando as correntes migratórias para o corte da gramínea na segunda metade do século XX.

De modo mais pujante, nos anos 70, com a expansão dos canaviais, há uma valorização da economia sucroalcooleira no interior paulista (SILVA, 2006) e (NOVAES, 2007). Diante das dificuldades na metrópole, as pequenas e médias cidades tornam-se um polo atrativo de trabalho.

Segundo Alves (2007), no início da década de 1970 a implantação de programas, tais como os Programas de Racionalização e Apoio da Agroindústria Açucareira (1971/72), do Planalsucar e do Programa Nacional do Álcool – PROÁLCOOL (1975), deu suporte ao processo de expansão, modernização, concentração e centralização da produção do açúcar e do álcool no Brasil. Diante deste cenário, a maior necessidade de matéria-prima das usinas foi suprida pela expansão dos canaviais, o que atraiu trabalhadores de outras regiões para trabalhar na safra em São Paulo. (MORAES; FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2009, p. 24)

Com a carência de mãos para o corte, os trabalhadores nordestinos surgem com o perfil ideal para as atividades nos canaviais:

Os trabalhadores que chegam do Nordeste possuem um perfil condizente com o que se precisa hoje para o corte manual. Segundo eles próprios, por terem sido, desde crianças, socializados no árduo e duro trabalho da agricultura na sua região de origem, o trabalho no canavial não os assusta. Além disso, segundo relato dos técnicos das usinas, são preferidos pelos usineiros por serem mais dedicados ao trabalho e gratos aos empregadores pela oportunidade do emprego, inexistentes em suas regiões. A necessidade premente de ganhar dinheiro, para assegurar a subsistência da família distante, tem funcionado como um freio que os torna mais tolerantes com descumprimentos de leis trabalhistas, com as injustiças e as distorções que ocorrem nas medições feitas pelo fiscal de turma em sua produção diária no corte da cana. (NOVAES, 2007, p. 171)

A capacidade para o trabalho árduo, atribuído aos nordestinos que eram recrutados para o corte da cana – que já vinham de experiências do trabalho no campo, de uma realidade econômica e social desfavorável e/ou com uma vivência de trabalho braçal em outros estados – foi uma estratégia retórica utilizada largamente pelos usineiros ou por seus funcionários, responsáveis pela contratação, para inseri-los nos canaviais.

As exigências de homens fortes, prontos para o trabalho intenso e que atingissem as metas sem revelar suas limitações humanas, deixou-nos um legado trágico e cruel. Existem diversos

registros de doenças respiratórias, acidentes de trabalho graves e até mesmo mortes por exaustão. Àqueles que sobreviveram ao adoecimento, restou-lhes sequelas físicas e psíquicas. Em artigo publicado em 2008, Maria Aparecida de Moraes Silva, apresenta dados alarmantes sobre a condição precária destes sujeitos no corte da cana.

A carência nutricional, agravada pelo esforço excessivo, contribui para o aumento de acidentes de trabalho, além de doenças das vias respiratórias, dores na coluna, tendinites e câimbras, produzidas pela perda de potássio em razão dos suores. De 2004 a 2007, a Pastoral do Migrante registrou 21 mortes, ocorridas supostamente em função do desgaste excessivo da força de trabalho. Segundo depoimentos de médicos, a perda de potássio provocada pela sudorese pode conduzir à parada cardiorrespiratória. Outros casos se referem a aneurismas, o rompimento de veias cerebrais. Em alguns lugares, os trabalhadores denominam por ‘birola’ a morte provocada pelo excesso de esforço no trabalho. (SILVA, 2008, p. 4)

A grande maioria dos trabalhadores eram migrantes de regiões subdesenvolvidas do Nordeste.

D. Rosa, migrante nordestina que chega em Américo Brasiliense<sup>25</sup> na década de 70, ao relatar a sua experiência migratória, expõe aspectos dramáticos das atividades nos canaviais em Américo Brasiliense.

*Antigamente a gente andava de caminhão, era caminhão carroceria e não tinha toldo não, tinha era um plástico, cada um tinha que se virar, cobria um plástico e ficava ali dentro para ir para a roça cortar cana.*

São muitas as denúncias das mazelas intrínsecas às idas e vindas no exercício da lavoura. A luta pela sobrevivência, a expectativa de melhora de vida, como relata Eunice Durham em *A caminho da cidade* (1973), eram motivações decisivas da mudança para terras alhures.

Nota-se imediatamente que a imigração não decorre, em geral, de uma situação anormal de fome ou miséria, desencadeada por calamidades naturais. Ao contrário, a emigração aparece como resposta a condições normais de existência. O trabalhador abandona a zona rural quando percebe que não pode melhorar de vida, que a sua miséria é uma condição permanente. Isso não quer dizer que calamidade naturais ou acidentes não sejam fatores que precipitem a emigração. (DURHAM, 1973, p. 114)

---

<sup>25</sup> Sobre a migração canavieira no município e região, recomendo o documentário “Migrantes”, desenvolvido pela Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal do Piauí e Universidade Federal do Amazonas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Laf1BwcGpgI>. Acesso em: 28 dez. 2019.

Como aponta José Giacomo Baccarin e José Jorge Gebara, condicionantes macroeconômicas, tais como a acumulação de terras e a estrutura fundiária da miséria, devem ser consideradas também na migração para os canaviais.

No entanto, a falta ou insuficiência de trabalhadores no Brasil só pode ser aparente e localizada no tempo e no espaço. A concentração das terras rurais e a forma como o país foi se desenvolvendo, contribuíram para formar imenso contingente de trabalhadores subempregados e vivendo em condição de miséria, o que garante sua disponibilidade, quase que imediata, para os mais diferentes serviços que não exigem maiores qualificações. Se em determinada época e/ou lugar há a possibilidade de faltar mão-de-obra, na realidade isto dificilmente chega a acontecer e o problema é facilmente resolvido (sob o ponto de vista empresarial, é claro) pela migração de trabalhadores dos lugares onde estão “sobrando” para aqueles onde a necessidade de mão-de-obra é maior. (BACCARIN & GEBARA, 1988, p. 17)

Os alojamentos construídos nas cidades do interior para abrigar esses trabalhadores era um cenário de descaso e abandono. Em consequência da vivência, da rotina dura, do cansaço e do estresse, as brigas tornaram-se frequentes. A subjetividade desses trabalhadores sofreu impactos severos em um contexto hostil. Nesse cenário, aparece o discurso de que os nordestinos eram figuras violentas.

Outra expressão da migração canavieira diz respeito à importância desses movimentos para a formação do espaço e da urbanização de cidades no interior do país.

É sobejamente conhecida a presença de nordestinos na metrópole como “estoque” de mão-de-obra, particularmente na construção civil. Ademais, é indiscutível a presença dessa população na capital em muitos aspectos da vida social. A obra *Sertanejos Contemporâneos: Entre a metrópole e o sertão*, de Rosani Cristina Rigamonte, é conspícua para conhecimento desse fato. Rigamonte apresenta a dinâmica da sociabilidade entre nordestinos. Mostra-se como o espaço é significado por essas pessoas.

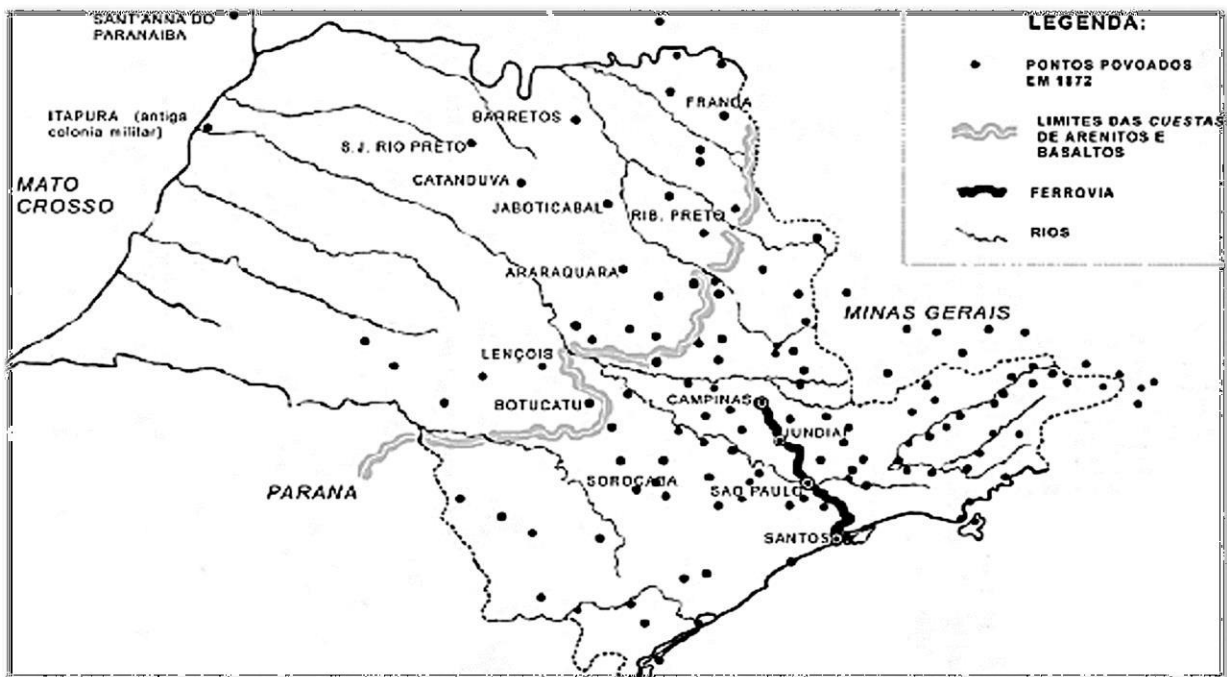
Contudo, a importância da migração para os trabalhos na lavoura está, principalmente, nas mobilizações para o interior dos estados com uma cultura canavieira expressiva. Dessa forma, destaca-se a influência desse fenômeno na formação das pequenas e médias cidades.

## 2. OESTE PAULISTA HISTÓRICO: DO CAFÉ À CANA DE AÇÚCAR

A história da ocupação efetiva do Oeste Paulista se dá no século XIX, quando a crise da mineração e a marcha para o café impulsionam a ocupação na região. As matérias-primas servirão de incentivo para a ocupação de novos territórios. Assim, a região do Oeste Paulista ganha destaque como importante centro da economia cafeeira. Sob o binômio café-ferrovias, surge um novo complexo de desenvolvimento no Brasil, perdendo força, de outro lado, as, outrora, elites canavieiras do Nordeste brasileiro.

A marcha para ocupação do Oeste Paulista desenrola-se em dois períodos: o do Oeste Paulista “Novo” e o do Oeste Paulista “Velho”. No começo, o Oeste Paulista “Velho” foi formado pelos grandes latifúndios cafeeiros de terra roxa, nos fins do século XIX e início do século XX, localizados próximos dos municípios de Campinas, Limeira, Araras, Itu, Araraquara, Ribeirão Preto, Mococa, entre outros. Como sugere o mapa abaixo:

**Mapa 1-** Regiões inseridas no Velho Oeste Paulista histórico



**Fonte:** adaptado de Monbeig, 1984, p.26

Atualmente, a definição do Oeste Paulista é controversa. Apesar de o Oeste histórico englobar três regiões, Centro-Oeste Paulista, Nordeste Paulista e Noroeste Paulista, algumas

definições oficiais não englobam o primevo *Oeste Velho*, considerando apenas o *Oeste Novo*, limitando-se à mesorregião de Araçatuba.

A definição de Oeste Paulista apresentada por Pupim, em *Cidade e território do Oeste paulista: mobilidade e modernidade nos processos de construção e reconfiguração do urbano*, sob influência de Pierre Monbeig, proporciona uma percepção mais vasta do espaço considerado:

Em 1954, Pierre Monbeig já advertia, em um artigo para o Simpósio do Conselho Nacional de Geografia, para os problemas da divisão regional do estado baseada nas condições naturais e, naquela ocasião, considerava mais adequada a distinção de Pierre Deffontaines de “dois grandes domínios históricos” paulistas: as regiões novas a oeste e as regiões antigas a leste (MONBEIG, 1954, p. 198). As regiões antigas estariam ao sul e a leste de Campinas, onde se percebia o fundo de povoamento crioulo, de origem portuguesa e negra. As regiões novas se caracterizavam pelas paisagens constantes tabuladas pelas plantações de café e com povoamento dos colonos imigrantes. (PUPIM, 2008, p. 30)

E continua:

A distinção entre zonas antigas e novas é, sem dúvida, muito fecunda para a compreensão do estado naquele momento, principalmente quando observamos os interesses dos geógrafos da época para o tema das regiões pioneiras e quando atentamos para o fato das zonas novas no estado de São Paulo ainda estarem em processo de expansão. A definição do limite entre estas zonas também nos parece precisa, pois é na região de Campinas que o desenrolar da “marcha para o oeste” toma a sua forma característica – conjugando os interesses dos fazendeiros de café à implantação das ferrovias que possibilitam o cultivo das terras dos planaltos longínquos. É esta imensa região demarcada a partir destes limites, seguindo a oeste desde as regiões centrais do estado, na Depressão Periférica, até os limites do mesmo junto ao rio Paraná, ainda despovoada por volta de 1870, conhecida até então como sertão paulista e demarcada nos mapas da província como “terras desconhecidas” e “habitadas por índios”, que será convencionalmente chamada de Oeste paulista nos estudos sobre a economia cafeeira e evolução ferroviária em São Paulo. (*Ibid.*)

Como nos apresenta Monbeig, em *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*, os pioneiros precursores no território foram os indígenas – porque eram a população originária, que desbravaram a mata das florestas e ali construíram suas formas de viver – e os mineiros – vindos primordialmente de Minas Gerais, como consequência da crise na mineração. O encontro de indígenas com os mineiros foi caracterizado por lutas constantes, como mostra a história, aqueles não receberam passivamente a tentativa de colonização de suas terras. Importa tomar nota sobre as denominações dos municípios em tupi na região, que aludem aos habitantes originários. De acordo

com Monbeig, “essa ressurreição erudita da língua indígena comprova o que vem a ser o índio para o habitante da língua pioneira: uma recordação que entrou no domínio da lenda.” (1984, p. 132).

Mas foram os grandes fazendeiros os responsáveis pelo desenvolvimento do território enquanto complexo econômico da cafeicultura no país. Acontece que o produto já ganhava notoriedade na economia nacional e em interesses internacionais. Com a necessidade de expansão das terras, esses fazendeiros tornaram-se os grandes percussores da marcha do café. Formou-se, nesse sentido, uma vasta burguesia paulista, dando destaque às família Almeida Prado e Toledo Piza.

Até a década de 30, foram os grandes fazendeiros, de algum modo, os dirigentes de São Paulo. Confundia-se o interesse coletivo com o seu interesse de classe. Esse fato sociológico liga-se à geografia do movimento pioneiro. Os problemas de mão-de-obra e, conseqüentemente, o povoamento, os das vias de comunicação, os de preços foram considerados e tratados acima de tudo, em função dos interesses dos fazendeiros. (MONBEIG, 1984, p. 141).

Outro personagem de interesse para a história dos movimentos pioneiros no Oeste Paulista são os grileiros. O modelo de distribuição de terras por sesmarias, que ainda deixava livre uma extensão de terras devolutas e ocupadas por interessados, transformou-se a partir da lei de terras em 1850. O governo federal, à época, determinou àqueles que já estivessem nas terras públicas em atividade produtiva e que pudessem comprovar sua situação de posse como primeiro ocupante a regularização da situação no prazo de quatro anos. Medidas legais posteriores exigindo documentos legais impulsionaram a intensa falsificação.

Consolidam-se, nas artimanhas da grilagem, figuras de grande influência econômica e política, como os especuladores – capitalistas mercantes de terra, interessados na venda de alqueires – e os homens da lei, advogados para dar apoio jurídico às estratégias na posse. Ainda cumprem sua função nessa associação os agrimensores. Nessa entoada, esses são os personagens sociais do Oeste Paulista nas mãos do quais as relações de poder se agregam.

Contudo, a formação social da região não se restringiu a essas figuras de prestígio econômico, pois ganha grande relevância a massa de trabalhadores que ocupam o espaço e que tem – como identificado por Monbeig – em grande medida, a marca dos colonos europeus nas lavouras de café e, posteriormente, no período entre guerras, da migração de brasileiros, tornando-se importante demograficamente na região, particularmente por oferecer braços às plantações.



Por décadas, a monocultura cafeeira foi predominante na região. Apesar de o algodão e outros víveres participarem da organização e da paisagem do Oeste Paulista, com a ascensão das pequenas propriedades – os sítios que diferiam das grandes fazendas – as plantações de milho, de feijão e de algodão e até mesmo cana-de-açúcar tinham influência em poucas partes do Oeste.

A ocupação, o desenvolvimento e a configuração espacial paulista estão, assim, estritamente relacionados à ascensão do café. É no momento de valorização da cafeicultura que se movimentam as disputas entre os cafeicultores do Sul e senhores de engenho do Norte. O café era representado como uma cultura diversa, dinâmica, privilegiando a mobilidade – referenciada historicamente nas bandeiras – rumo ao progresso, em oposição à *plantation*, que favorecia o sedentarismo e a inércia de elites agrárias. As vendas de mão-de-obra escrava para o Sul se tornam um mercado benéfico para as elites do Norte e um campo de disputas enérgicas, quando a região cafeeira se estabelecia como um centro econômico e político poderoso.

O cenário passará por modificações somente com a crise de 29, em que a cultura cafeeira perderá seu papel de hegemonia no universo econômico e político, abrindo espaço para a expansão da atividade canavieira, com a participação direta do Estado em incentivos para a produção desta *comodity*.

Com isso, as regiões de Piracicaba, Ribeirão Preto, São Carlos e Araraquara tornar-se-ão complexos econômicos de importância notória para o setor sucroalcooleiro, o qual movimentará um capital bilionário, exercendo papel indispensável na rota de novos fluxos de mobilidade humana e contornos demográficos, propiciando a formação e o desenvolvimento de pequenas e médias cidades, no agora interior paulista.

## **2.1 AMÉRICO BRASILIENSE NO OESTE PAULISTA**

Américo Brasiliense localiza-se nos limites de São Carlos, Santa Lúcia e Araraquara, ou seja, na região central de São Paulo, sendo sua relação com Araraquara mais expressiva e com ela sofrendo um processo de conurbação. Não é possível tratar de sua história e de seu povoamento sem inseri-la no contexto de Araraquara. Ambos os povoados da região histórica, conhecida como “Sertões de Araraquara”, foram desbravados por Pedro José Neto em 1790.

Em 1854, chegaram as primeiras famílias em Américo Brasiliense: Germano Xavier de Mendonça e Martimiano de Oliveira, estabelecendo-se nas sesmarias “Rancho Queimado” e “Cruzes”, respectivamente. Mais tarde, chegam as famílias de Manoel Antonio Borba e do coronel

Américo Toledo Pizza, que deram grande contribuição para o desenvolvimento de Américo Brasiliense, com a construção das primeiras casas, elevando o então povoado a distrito. Outras contribuições importantes para seu progresso em seu início foram a imigração particularmente italiana e a cafeicultura. Em 1892, chega a primeira ferrovia, a da linha tronco da Cia. Paulista, integrando a economia do povoado com às demais regiões.

O topônimo Américo Brasiliense foi dado por Manoel Antonio Borba em homenagem ao seu amigo republicano Américo Brasiliense de Almeida Mello.

O período que antecede a sua emancipação é marcado por dois acontecimentos emblemáticos. Depois de uma temporada positiva de desenvolvimento com a economia cafeeira, no fim do século XIX, um surto de febre amarela toma a região, provocando a mudança de setores administrativos da cidade de Araraquara para o distrito *ameriliense*.

Em 1885, com a notícia de que a epidemia de febre amarela havia atingido Araraquara, estabeleceu-se um pânico generalizado à população vizinha, que começou a se refugiar nas fazendas e povoados próximos. Nesses períodos parte considerável da população deslocou-se para Américo Brasiliense, inclusive os órgãos administrativos. Da comarca, até câmara e cartórios. Nesse período, foram construídos casas, bancos, cartórios, escritórios de advocacias, empresa telefônica e casas comerciais. (Site da prefeitura de Américo Brasiliense)<sup>26</sup>

Além desse episódio, o julgamento dos Brito em Américo Brasiliense fez do povoado refúgio político para os envolvidos. Em meados de 1897, no contexto de disputas políticas entre republicanos e monarquistas, Araraquara vivencia o linchamento do jornalista Rozendo de Souza Brito e seu tio Manoel de Souza Brito.

Rozendo Brito era crítico da administração na cidade sob chefia do coronel republicano Antonio Joaquim de Carvalho. Após denunciar o caso de abuso policial praticado pelo Tenente João Batista Soares, aliado ao coronel Carvalho, e se envolver em uma discussão resultando na morte do coronel, os membros da família Rozendo serão presos e linchados em praça pública, protagonizando uns dos eventos mais expressivos da região. Nesse cenário, a Fazenda Paraíso no povoado de Américo Brasiliense, propriedade de Germano Xavier de Mendonça, braço direito da família Carvalho, hospedou todo o júri do caso.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Todas as informações sobre a história da cidade foram retiradas do site da prefeitura municipal. Disponível em: <<http://www.americobrasiliense.sp.gov.br/site/historia-da-cidade/> & <<http://www.americobrasiliense.sp.gov.br/contaspublicas/PlanoDiretorTurismo.pdf>> Acesso em: 06 ago. 2019.

<sup>27</sup> Ainda que o caso tenha um teor político, é importante mencionar que, depois desse episódio dos Britos, o discurso de intolerância contra estrangeiros marcou a região de Araraquara. Os irmãos assassinados eram naturais de Sergipe.

Passados os dois episódios, da febre amarela e do linchamento dos Britos, em 1914, designado como distrito policial, Américo Brasiliense tinha noventa casas, duas escolas, ruas alinhadas e arborizadas, luz elétrica e água encanada<sup>28</sup>. Havia também farmácia, relojoaria, hotéis, restaurantes, padaria, cervejaria, barbearia, alfaiataria, armeiro, sapataria, selaria, ferrarias, açougues, fábrica de sanfona e de cadeiras, casa lotérica, casa de máquina de moer café e arroz, vários armazéns de secos e molhados, casa de louças e tecidos, médicos e dentistas.

Com a crise do café e a urgência de substituir a atividade econômica na região, o cultivo da cana de açúcar se torna a alternativa promissora. Na década de 40, logo após a II Guerra Mundial, instala-se no povoado a Usina Santa Cruz.

Foi na fazenda Santa Cruz que Joãozinho e Nancy Ometto começaram sua vida de casados e iniciaram a substituição dos cafezais pela cana, porém, em 1945, Luíz Ometto compra a propriedade. Por estar ocupado nas usinas Iracema e São Martinho, também de sua família, Luíz faz uma sociedade com seus sobrinhos para iniciar a usina. Antônio, Mario, Virgílio e Novênio Pavan instalam o maquinário fornecido pela Dedini, solicitam autorização do IAA e iniciam a produção. Em 1949 foi constituída a sociedade por cotas, de responsabilidade limitada. Era o começo da Ometto/Pavan <sup>29</sup>(GORDINHO *apud* MENDONÇA, 2018, p.8)

São unânimes as opiniões sobre a importância da Usina Santa Cruz para a consolidação de Américo Brasiliense enquanto município. “A existência da usina foi fundamental para que ocorresse a formação do município de Américo Brasiliense em 21 de março de 1965, constituindo-se em típica “cidade dormitório” para boias-frias, na maioria, trabalhadores da usina Santa Cruz”. (FERREIRA, 1987, p. 34).

---

O trecho de uma carta da mãe de Rozendo Brito, publicada em 13 de fevereiro de 1897, no jornal *O comércio de São Paulo*, relatando o ocorrido e denunciando abuso de poder, chama a atenção para a importância deste detalhe. “Carvalho procurava uma faca que consigo tinha, meu filho, em legítima defesa, tirando de um revólver com o qual se achava, desfechou-lhe os tiros precisos para salvar-se do enorme perigo que via deante de si! Eis ahi, meu caro senhor e bom Patricio, o assassino que dizem! Si tivesse sido um paulista, ficaria sendo um homem valoroso, de sentimentos nobres e cheio de virtudes, mas como se trata de um sergipano...”. Destaca-se ainda que na agitação política entre republicanos e monarquistas no período do acontecimento, a região Nordeste já passava por um processo de decadência, deixando de ser um centro político-econômico nacional. Consideramos válido mencionar o assunto, uma vez que esses eventos históricos carregam importância simbólica considerável no imaginário discursivo da região. Eventos estes relacionados a um contexto geral. Para maiores informações sobre o linchamento dos Brito, consultar Luís Michel Françaço (2015); Rodolfo Tellarolli (1976) e (1997).

<sup>28</sup> As informações foram retiradas do *site* da prefeitura. Convém tomar nota que o dado não coincide com a fala de D Rosa quando chega na cidade na década de 70. Entendemos que as informações se referem a um período histórico específico, o início de formação da cidade.

<sup>29</sup> Famílias de imigrantes italianos que se estabeleceram no distrito.

O agronegócio voltado à indústria sucroalcooleira vai, em progresso rápido, tornando-se a atividade central do distrito, dando força e autonomia econômicas para que se adquira a condição de município. É, portanto, o crescimento da região canavieira uma das principais causas, senão a principal, para a constituição de Américo Brasiliense como município.

Depois de muitas reuniões com autoridades e algumas lideranças, o movimento criou força e em 1963 foi realizado plebiscito entre moradores. A vitória do “sim” foi quase unânime. Em 1964, dois candidatos a prefeito concorrem as primeiras eleições. Antônio Pavan e Elias Leme da Costa vencem a primeira eleição de Américo Brasiliense derrotando José Galli e Antônio Furlan. Começa então uma nova era na história do recém-município. (Site da prefeitura de Américo Brasiliense).

A alcunha de “Cidade Doçura” é dada nas primeiras campanhas municipais, em meados de 1964, pelo candidato a vereador pelo MDB, Júlio de Arruda. Atribuiu-se esse título exatamente em alusão à atividade canavieira enquanto futuro promissor para Américo Brasiliense.

É com o nascimento de “Cidade Doçura” que nasce a migração temporária para o trabalho nos canaviais. Os migrantes se agregam à Usina Santa Cruz enquanto figuras indissociáveis na formação do município.

### 3. DE CIDADE DOÇURA À CIDADE DE BAIANOS

Pode ser Cearense,  
ou mesmo pernambucano  
Mas chegando em São Paulo  
tem que ser baiano

Tem que ser baiano  
Tem que ser baiano  
Olha chegando em São Paulo,  
Tem que ser baiano

*Tudo Baiano*, Aloisio Gomes

De acordo com o censo de 2010 do IBGE, a população residente em Américo Brasiliense era de 34.478 habitantes, com uma população estimada para 2018 que se aproxima dos 39.962 habitantes. Daquele número, 25.336 eram da região Sudeste, 6.466 da região Nordeste, 2.216 da região Sul, 210 da região Centro-oeste, 51 da região Norte e 161 sem especificação de região.

Observando essas informações, constata-se a presença significativa de migrantes nordestinos em Américo Brasiliense. Contudo, para além dos dados estatísticos, convém apresentar quais são as suas características e inserir tal fenômeno no processo histórico nacional, que estamos denominando de diáspora nordestina.

Os registros sobre a história da cidade revelam a estrita relação de Américo Brasiliense com a agroindústria sucroalcooleira. Denise Elias (2012) pesquisa essas cidades imersas em Regiões Produtivas Agrícolas, onde a presença de atividades agrícolas são predominantes, relacionando-as com a própria fundação desses municípios, na função de cidades do agronegócio. Segundo a autora,

Nas RPAs estão parte dos circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação (SANTOS, 1988) de importantes *commodities*. Logo, encontram-se sob o comando de grandes empresas, nacionais e multinacionais, as mesmas que estão à frente das redes agroindustriais globalizadas, representando lugares funcionais dessas. (DIAS, 2012, p.3)

Na região que Américo Brasiliense está inserida, a produção canavieira, estimulada potencialmente pela usina Santa Cruz, foi largamente importante para a formação do município em vários setores. A economia local ainda hoje tem como polo de desenvolvimento a agroindústria. Nesse sentido, como já retratado neste trabalho, o fenômeno migratório, no caso concreto, insere-se na migração nordestina canavieira.

Se nos atentarmos à tabela 2 do capítulo *A diáspora nordestina*, da inauguração das atividades na usina até o início dos anos 2000 – período em que a migração para as safras do corte de cana era regular – a região Nordeste passou por ao menos quatro ciclos intensos de seca. Ainda se considerarmos a importância econômica do setor sucroalcooleiro, a destacar seu papel nas relações internacionais, com os diversos projetos de incentivo à produção na área – o IAA, Planalsucar e Proalcool – a região tornar-se-ia de fato atrativa como estratégia de mudança para os migrantes e de solução para as autoridades públicas.

Além dos acontecimentos no âmbito nacional, que devem ser considerados para pensar os fluxos migratórios na cidade, devemos avaliar os aspectos locais, no sentido de apreciar quais foram os impactos do fenômeno migratório que impuseram ao Município a necessidade de adequação, ou melhor, de organizar-se a partir daqueles que chegavam de terras alhures.

Para a migração sazonal, os que já possuíam casas ou capital econômico que permitiam o investimento em construção, engendram alojamentos com o objetivo de acomodar os boias-frias em sua passagem pelo município. Até o final da década de 90, quando o trabalho manual na cana-de-açúcar ainda prevalecia, estes alojamentos eram comuns (SALATA, 2016). Constituíam-se em quartos dormitórios, os quais abrigavam homens solteiros e que dividiam as despesas. Com o passar do tempo e o interesse de migrantes em ficar, tornou-se comum aqueles que chegavam só enviarem dinheiro para a terra natal com o objetivo de trazer a família para perto. Com isso, além desses quartos, havia ainda os quintais de migrantes<sup>30</sup>. De estrutura precária, abrigavam mais de um barraco e era comum os moradores partilharem um único banheiro no mesmo quintal.

As relações sociais nesse espaços traduziam muito da realidade daquelas famílias. Assim, o convívio adquiria formas sensivelmente desenhadas pelos trabalhos nos canaviais. As luzes se acendiam cedo, às 5h da manhã. Os homens aguardavam juntos a chegada do transporte que os levaria para a viagem certa de todos os dias. Compartilhavam as experiências de como amolar ou emborrachar<sup>31</sup> os facões. E partilhavam da exaustão a que eram submetidos na lavoura. Faziam as contas da produção, a medir quem estava se adequando às exigências do trabalho árduo. As mulheres se encarregavam de lavar as roupas encardidas da terra vermelha e fuligem das canas. Os tanques de lavar roupas das moradias tinham manchas da água suja que fixavam como se fossem uma pintura dando cor e memória à rotina dos trabalhadores. Algumas mulheres se dedicavam a

---

<sup>30</sup>No final do trabalho, no apêndice, apresentamos através de fotografias o cenário que representava os quintais de migrantes.

<sup>31</sup> Para proteger as mãos durante o trabalho na lavoura, os facões eram emborrachados com um borracha preta e resiste.

cuidar das crianças e garantirem a educação dos filhos. Era recorrente ainda que os mais novos ficassem com os mais velhos para que as matriarcas pudessem trabalhar fora de casa. O consumo de álcool era constante em diversas famílias. Outro elemento importante que configurava esse universo era a violência, tanto a doméstica, quanto os desentendimentos entre homens, muitas vezes sob os efeitos do álcool.

O convívio entre esses moradores era ainda ilustrado por memórias, histórias, ajuda, troca de informações, mercadorias e dinheiro, enviados para os familiares na terra de origem por meio dos colegas, os quais comumente eram do mesmo lugar. Além de mandar, os trabalhadores recebiam lembranças daqueles que permaneceram na terra natal. Tal troca, normalmente, era feita através dos vizinhos, de casa, de trabalho e de origem.

Esses alojamentos e quintais de migrantes fizeram parte da paisagem de Américo Brasiliense até o início dos anos 2000, quando a dinâmica migratória se altera e o caráter transitório das idas e vindas sede lugar para o ininterrupto, com a conquista da casa própria como símbolo expressivo de tal transformação.

A experiência de Américo Brasiliense e a produção sobre o tema na literatura nacional revelam ainda a questão das dívidas adquiridas pelos trabalhadores migrantes quando chegavam nas cidades de destino. As dívidas de aluguéis, de alimentação e de remédios no comércio local, propiciavam uma condição de dependência com os proprietários e até mesmo usineiros. Como o trabalho no corte da cana era por produção, um dos fatores que justificam o auto índice de jovens, o acúmulo de dívidas para a subsistência mínima, tornar-se-ia um fator de estímulo para o trabalho em exaustão.

É, nesse período, que se destacam as grandes levas de migrantes na cidade. Com as redes de migração, esses sujeitos vão se inserindo profundamente na formação e desenvolvimento do município. E Américo Brasiliense, ao lado da atividade canavieira, de *cidade doçura*, torna-se, com os deslocamentos extensivos e seu impacto nas relações sociais, *cidade de baianos*.

A relação da migração com a usina e o crescimento urbano em Américo Brasiliense aparece no relato feito por João.

*A baianada vinha bastante né, aí começou a crescer. Mas foi essa usina aí que aumentou viu, foi muito boa para o povo (...).*

Rosa, nos traz dados importantes sobre a primeira geração de migrantes. Quando peço para contar sobre o momento em que chegou em Américo Brasiliense e o que motivou a sua saída, responde.

*Ah, eu morava na Bahia. Da Bahia eu vim para São Paulo, de São Paulo eu vim para Santa Ernestina e de Santa Ernestina eu vim parar aqui. Tem 42 anos que eu moro aqui. Vim parar aqui porque a gente acha mais serviço, é mais adiantado que no Norte<sup>32</sup>, então a gente tem que procurar o melhor.*

A sua trajetória nesse momento não apresenta um destino certo. Rosa passa por outros lugares até se estabelecer em Américo Brasiliense. Quando relata o momento de chegada no município, aponta em sua experiência a importância dos turmeiros.

*Tinha bastante que vinha da Bahia de ônibus. Naquele tempo era o Fabinho que tomava conta da usina. Ele mandava os ônibus buscar os baianos pra cá! Os ônibus iam lá buscar eles para trazer da Bahia (...) tinha mais da Bahia, depois começou a vir de Minas e depois o cearense. Os cearenses chegaram por último.*

Bahia e Ceará se tornam os principais estados de migração nordestina na cidade. As redes sociais na migração são um importante fator para justificar essa predominância de determinados locais de origem<sup>33</sup>. A partir da primeira geração, os sujeitos envolvidos no fenômeno desenvolvem contatos, apoios e estruturas, com o objetivo de garantir suas idas e vindas. Há uma sociabilidade que permeia e constrói tais fluxos migratórios em que os bens materiais e imateriais são compartilhados. Nessas redes, circulam informações, mercadorias, dinheiro, representações, conhecimentos etc., revelando as estratégias desenvolvidas pelos migrantes ao longo de seus movimentos.

Durham (2004) aponta que a migração não pode ser compreendida simplesmente como um deslocamento no mapa, mas como “um trânsito inserido em uma rede de relações sociais” (DURHAM, 2004, p. 185). Na maioria das vezes, o migrante não sai de seu local de origem completamente destituído de referências, antes migra com a convicção de que chegará ao destino com a segurança de encontrar um trabalho e conhecidos. Assim temos que, dificilmente, o migrante

<sup>32</sup> Na fala dos entrevistados, migrantes ou não, constantemente a região Nordeste confunde-se com a região Norte.

<sup>33</sup> Importa destacar aqui mais uma vez os alojamentos e quintas de migrantes, os quais abrigavam muitos trabalhadores e famílias de origem comum, um elemento importante para a compreensão das redes de migração.



se arriscará em um lugar desconhecido, uma vez que ele quase sempre “se orienta por notícias, informações e relações” (DURHAM, 1973, p.138).

Aliado às redes de contato, a consolidação desses estados como origem predominante, relaciona-se também à atividade dos turmeiros. O turmeiro era a pessoa responsável por organizar os ônibus e traçar os destinos à procura dos trabalhadores, normalmente era um nordestino, adaptado e ‘bem-sucedido”, que passaria a fornecer mão-de-obra para a agroindústria.

Em relação ao turmeiro, é preciso apontar ainda que, em decorrência de sua atuação nas redes de informação que resultavam em importante elo entre usineiro e trabalhadores, eles adquiriam uma posição de certo privilégio na indústria sucroalcooleira. Com isso, obtinham ganhos financeiros que lhes permitiam também explorar o negócio de aluguel de alojamentos, que abrigavam os boias-frias e suas famílias.

No município de Américo Brasiliense, destacam-se, como núcleo de emigração, no estado da Bahia, a mesorregião de Serrinha, com cidades como Riachão do Jacuípe, Pé de Serra, Capela do Alto Alegre, Nova Fátima, Pintadas, Ipirá e povoados circunscritos, tais como Capelinha, Campo Alegre e Contorno. Há diferentes gerações de migrantes naturais dessas cidades, desde a migração sazonal até hoje, quando a metalúrgica assume papel importante como mercado atrativo para os jovens.

Como é possível notar, o fenômeno migratório tem uma importância inquestionável para a história do município. A começar pelos braços que serviram no corte de cana, proporcionando grandes rendimentos para as usinas, até a sua colaboração para a economia local. Mas a presença desses sujeitos não estiveram apenas nos canaviais ou se relacionaram exclusivamente com o labor no corte da cana. Os turmeiros, como já mencionado, ocupavam cargos de maior prestígio. Além disso, os nordestinos passaram a participar do universo político<sup>34</sup>, chegando a eleger vereadores. Com o ganho de capital econômico tornaram-se proprietários. Abriram lojas, supermercados, casas do norte e bares. Os migrantes e os seus filhos foram à escola e especializaram-se, somando-se ao capital econômico, o capital cultural e social.

Com a mecanização recente da colheita no início dos anos 2000 e a consequente reestruturação do processo de produção, gerou-se uma mudança substancial na dinâmica migratória desses trabalhadores. Se outrora a primeira geração migrava temporariamente para o corte de cana,

---

<sup>34</sup> Um nome emblemático na cidade é o ex-vereador e candidato a prefeito Augusto Santana Rios, nascido em Riachão do Jacuípe. De acordo com falas na cidade, sua ascensão na política relaciona-se a profissão de *ex-turmeiro*, que dava trabalho para os nordestinos.

a partir da mecanização, configura-se uma nova tendência no deslocamento deles: a de fixação em Américo Brasiliense, como em outros municípios sucroalcooleiros da região. A possibilidade de melhora de vida e os ganhos angariados pelos migrantes, torna, mormente, o retorno definitivo à terra natal como uma ideia saudosista.

Um fator de mudança importante para essa dinâmica foram as novas formas de contratos de trabalho, com a possibilidade de uma vaga por tempo indeterminado.

O contexto socioeconômico regional remete-nos às reconfigurações pelas quais tem passado o labor nos canaviais paulistas especialmente na última década, e que têm efeitos sobre a chamada migração “permanentemente temporária” (SILVA, 2005) de trabalhadores, reorientando a dinâmica dos deslocamentos laborais e seus sentidos. (SALATA, 2016, p.2).

Assim, importa considerar como as mudanças na dinâmica migratória, a partir desse contexto, foram influenciando a maneira como ex-trabalhadores volantes construíram e atribuíram sentido ao espaço social, se integrando definitivamente e colaborando para o desenvolvimento urbano de Américo Brasiliense.

Com a fixação em espaços próximos a conhecidos e familiares, particularmente com a compra conjunta de terrenos populares onde constroem suas casas, formam-se bairros tidos como característicos de migrantes. O Luís Ometto – que segundo moradores os terrenos foram cedidos pela família Ometto – Jardim Primavera, Santa Teresinha, São José, São Judas Tadeu e Maria Luíza são destaques.

Nesse amplo cenário de colaboração e conquistas, ganham espaço os mecanismos de discriminação e estigma. Na esteira do trabalho de Nobert Elias e John Scotson, surgem conflitos latentes entre “os de dentro” e “os de fora”.

*Os estabelecidos e os Outsiders* (2012), realizado no povoado industrial do sul da Inglaterra, possibilita-nos refletir sobre essas relações conflituosas. Winson Parva, embora se apresentasse como uma comunidade homogênea, era dividida pelos moradores entre grupos humanamente superiores e inferiores, apontados em hierarquias categorizadas como os *estabelecidos* e os *outsiders*, respectivamente. A inquietação de Elias e Scotson para entender o porquê de esse olhar preconceituoso sobre os *outsiders* permanecer, mesmo estes tendo superado questões que colaboravam para tais posturas – como o alto nível de delinquência – contribui significativamente para nossa reflexão.

No caso de Winson Parva, não havia grandes distinções étnico-raciais, nacionais ou de classes, o que vigorava era o tempo vivido no local. Os moradores estabelecidos tinham prestígio e posição privilegiada nos jogos de poder social.

O que é fundamental destacar são as relações de poder em voga na produção de estigmas.

A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhes são inerentes. Essa é também a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo outsider por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído [...] Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 24)

O que se observa, nessas dinâmica migratórias, é que os *estabelecidos* não desejam ceder sua situação estável e tradicional no local e, buscando manter esse *status*, eles trabalham com sentimento de grupo, utilizando-se de narrativas hegemônicas para qualificar e categorizar os *outsiders* como estratégia de dominação e controle.

Mas, nessas relações conflituosas, é necessário pensar os processos de ressignificação do universo cultural e simbólico daqueles tidos como “os outros” que podem ser interpretados como estratégias de reação nesse embate de forças, com a finalidade de conseguirem se estabelecer no novo espaço social.

É comum aos emigrantes manterem contato com seu local de origem, o que significa que não se desfazem de tais referências, tampouco desejam desfazer-se. De acordo com Sahlins

É precisamente enquanto lugar de origem que a terra natal permanece como foco de amplo espectro de relações culturais. Fonte de valores e identidades herdadas, a comunidade natal transcende outras fronteiras culturais, conformando as ações e atitudes da parcela de seu povo que vive em contextos urbanos e/ou estrangeiros. (SAHLINS, 1997, p. 119)

A noção de origem em Sahlins não é pensada sob a percepção purista ou geográfica. Os contatos entre os que ficam e os que saem acontecem por meio das redes de informações e os traços

culturais que julgam importantes para a adaptação de sua experiência são ressignificados, atingindo novas formas.

Exemplo notável representando o modelo de definição desses migrantes através de estereótipos é a escolha de certas características do universo cultural dos nordestinos, reproduzindo-as de forma substancializada, enquanto unidades de identificação. Isso é observado quando músicas, roupas, comidas e práticas ligadas à terra natal dos migrantes são constantemente utilizados como traços típicos e originários, não considerando seu processo de ressignificação. Os bairros em Américo Brasiliense, com os carros ao som do forró eletrônico, as cadeiras nas calçadas no fim da tarde, as mercearias com alimentos típicos da terra natal ou, no centro da cidade, as casas do Norte<sup>35</sup>, tudo isso é imediatamente identificado como originariamente e essencialmente de *baianos*, ignorando a dinamicidade dessas atividades que integram o cotidiano dos moradores. E, assim os chamados *baianos* são avaliados como representação invariável do que é ser nordestino. Se visitarmos um bairro com alta concentração de migrantes e viajarmos até o local de origem desses sujeitos – os quais são diversos – certamente não encontraremos o mesmo universo cultural e social.

Em cenário de vastas movimentações como o caso das trajetórias nordestinas, pensamos que a ideia de cultura na qualidade de processo e de identidades situacionais, distante de qualquer fixismo, largamente trabalhada pelos pós-coloniais, seja mais adequada para entender os processos de ressignificação entre estes sujeitos.

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de pensar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e consolidação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p.20)

---

<sup>35</sup> Nota-se que o estabelecimento que vende alimentos e ornamentos tipicamente nordestinos não é referido com o topônimo Nordeste.

Quando grupos de migrantes são encaixados na categoria *baiano* tentando resumi-los a traços restritos, não há espaço para a complexidade e suas ações ficam limitadas a categorias hierarquicamente estruturadas.

Em conversa com Rafael<sup>36</sup>, surge a seguinte piada

*Tiago<sup>37</sup>: Viu, qual a capital da Bahia.*

*Rafael: Salvador, não é?*

*Tiago: Não, é Américo Brasiliense. Aqui tem mais baiano que na própria Bahia*

Este episódio é significativo para pensarmos a questão de formação identitária do outro em contextos de disputas como os de migração. Particularmente, quando os grupos que migram são de espaços estruturalmente marginalizados, chegam para exercer atividades não qualificadas, mas se estabelecem e passam a disputar um lugar de poder nas relações da vida social.

Julgamos que a noção de poder desenvolvida por Foucault em *A História da Sexualidade I – vontade de saber*, se apresenta como profícua para refletirmos sobre o preconceito contra os nordestinos na história da migração brasileira e a forma particular sobre como se apresenta no caso concreto de Américo Brasiliense.

O poder para Foucault não está nas esferas exteriorizadas – como as instituições, economia, política ou o saber hegemônico – estes domínios são formas terminais do poder. Segundo o autor, o poder é resultado de correlações de forças no âmago da sociedade, ele está em toda parte e produz formas variadas de dominação, como também de resistência.

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas as mobilidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalista: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 1999, p. 89)

<sup>36</sup> Natural de Araraquara, tem uma academia de musculação em Américo Brasiliense há 20 anos. Conversei com Rafael em seu estabelecimento.

<sup>37</sup> Natural de Américo Brasiliense, nasceu na década de 80. Morador do Luís Ometto, um dos bairros conhecidos como de migrantes na cidade. Tiago estava no estabelecimento de Rafael no momento da conversa.

Nos espaços em que estão inseridos, os migrantes deixaram suas marcas, compartilharam suas experiências, buscaram ganhos econômicos, sociais e culturais e disputaram ambições com os *estabelecidos*. Nesse jogo vívido de relações, os *estabelecidos* lançam mão de retóricas excludentes, hostis e carregadas de violência simbólica. E o papel das narrativas nessas estratégias é fundamental.

A frase, “é tudo baiano, mas é misturado” foi dita pelo entrevistado João, quando relatava a sua percepção acerca da migração em Américo Brasiliense. A contradição expressa no enunciado revela questões essenciais para o debate sobre os discursos dominantes que buscamos apontar neste trabalho.

Ainda que, em determinados espaços, os fluxos migratórios tenham uma regularidade no que diz respeito à naturalidade dos migrantes, como no caso concreto de Américo Brasiliense, em que os deslocamentos para as atividades laborais na indústria sucroalcooleira, com a participação das redes de migração, formaram um núcleo próprio de migração, não devemos desconsiderar as características diversas que compõem os deslocamentos. Assim sendo, esses migrantes não devem ser apontados de maneira massificada. As motivações para o deslocamento, quem migra, as expectativas sobre a migração, as formas de se organizar, o universo cultural, as relações sociais guardam diferenças que são indispensáveis no trato dessas pessoas e que não se escondem, são manifestações públicas. Portanto, identifica-se a sua “mistura” – que deve ser compreendida como diversidade – ainda que os *estabelecidos* a tratem de forma desordenada.

O que nos provoca a reflexão na experiência ameriliense é a expressão “tudo baiano”, ou a categoria baiano, para organizar e normatizar os migrantes de forma invariável.

Nos períodos intensos de migração sazonal, era comum a aglutinação de migrantes circulando pela cidade. A imagem desses sujeitos caminhando nas calçadas em grupos colossais, nos supermercados, nos bares etc., com seus trejeitos específicos, tornou-se algo marcante. Na medida em que se demoravam, acentuavam-se os comentários propulsores de estigmatização. Tornou-se corriqueiro os olhares de teor preconceituoso dirigidos aos nordestinos, disseminando-se opiniões tais como a de ocuparem postos de trabalho da população local, não serem limpos, falarem alto e serem mal-educados. Vão se revelando as respostas negativas e de repulsão.

*João<sup>38</sup>: Só que aumentou muito a violência aqui viu, depois que esses baianos mudaram para cá. Ah! Eu fui assaltado três vezes, três não, duas. Eu estava sentado aqui de noite, chegou aqui com um facão primeiro. Vai fazer o que? Tive que dar o dinheiro (...)*

*Iara: o Senhor acha então que a violência cresceu muito?*

*João: Ah, barbaridade! É tudo esses nortistas mesmo, viu, pensa que não é? Antigamente não tinha nada disso não.*

É interessante notar na fala de seu João a presença do facão como arma para o assaltante. Esse instrumento era utilizado no trabalho para o corte da cana.

Nesse cenário, vai se revelando e tomando forma os discursos estigmatizados contra a população nordestina. Falas como *esse bando de baiano* ou *isso é coisa de baiano* – quando se imagina qualquer situação de teor pejorativo – *só pode ser da Bahia e aquele bairro é de baiano* se mantém presentes nas relações entre os amerilienses e migrantes.

O que provoca esse englobamento de todos os nordestinos sob uma mesma rubrica, *baiano*? Uma vez que, como aparece na fala de João, a dinâmica migratória seja de considerável complexidade e diversidade.

As relações conflitivas em contextos de migração são comuns. O que pode potencializar esta hostilidade é a especificidade do fenômeno. No caso da migração para Américo Brasiliense, os grupos que chegavam à cidade eram do interior, um grande contingente de origem rural – moradores de povoados e pobres. Havia um marcador de diferença expresso. Um conjunto de indivíduos inseridos em universos sociais e culturais largamente distintos, favorecendo a produção de resultados problemáticos.

Uma das grandes colaborações de Bourdieu (2006) diz respeito à atenção dada pelo autor à cultura enquanto marcador duro e violento de classe social. O *habitus* dos grupos de nordestinos que se fixaram em Américo Brasiliense, identificado em seus corpos, é objeto de combate nas relações sociais.

Na produção dos estigmas se articulam várias estratégias acionadas por indivíduos, os quais, no seu campo de ação, posicionam-se de forma dominante, garantindo assim o seu espaço privilegiado nas hierarquias sociais, não permitindo que grupos subordinados e marginalizados rompam com o estado atual.

---

<sup>38</sup> Nasceu em Araraquara, em 1945. Morou na fazenda Cabaceira por 49 anos, mudando-se para Américo Brasiliense em 1994. Trabalhou transportando cana da fazenda até a usina Santa Cruz. Depois se estabeleceu como caminhoneiro. Atualmente, é dono de uma transportadora e considerado na cidade como um dos moradores mais tradicionais. Conversei com João em sua casa, em maio de 2019.

Nesse cenário de ação, as produções culturais assumem função importante para a consolidação dos estigmas. Os migrantes em Américo Brasiliense que chegam para o trabalho nos canaviais também são vítimas das secas e a sua condição social os insere na categoria do retirante. A literatura, os filmes, as novelas que retratam esses nordestinos pobres, via comunicação de massa, é incorporada pelo senso comum e reproduzida.

Os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que a Durkheim chama de conformismo lógico, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências”. (BORDIEU, p. 9, 1989)

A representação dos nordestinos no imaginário popular é estruturada, portanto, de acordo com uma longa e reconhecida produção simbólica. Esses sistemas de significação e cognição podem assumir formas políticas enquanto instrumentos de dominação.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados. (BOURDIEU, p. 11, 1989).

Se pensarmos que a chegada de migrantes na cidade se deu no período de formação do município, em um cenário economicamente favorável e em que os trabalhadores boias-frias vinham para atividades de mão-de-obra desqualificada, no que diz respeito à avaliação da população local, e que, ao longo do tempo, foram ocupando outras funções, conquistando capital social, econômico e cultural, devemos considerar as situações de disputas em que o poder tem importância crucial na realidade social.

*João: Muitos arrumou muita vida aí! Esses Belinelli mesmo, conheci o pai dele, trabalhava na usina, cresceu muito lá dentro, ele era Pernambucano (...) Esse Chicão aí, eles trabalhavam tudo na usina, da usina foram criando mercadinho e crescendo (...) João da farmácia, nordestino também (...) Santa Lúcia você vê o tanto que ele tem de propriedade dá até medo (...) Tudo eles trabalharam na usina.*



Os boias-frias, moradores de um Nordeste de atraso, podem ser aceitos como mão-de-obra barata para o desenvolvimento do município. Se esse quadro se altera e os sujeitos conquistam capital, as estratégias para colocá-los em seu devido lugar entram em ação. As retóricas, as informações selecionadas por aqueles que desejam desqualificar os nordestinos e justificar políticas elitistas, são utilizadas para manter posições sociais.

Como afirma Said, na introdução do livro *Cultura e Imperialismo*, “o poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos” (SAID, 2011). Claro que não estamos falando de imperialismo na relação entre os migrantes e amerilenses. Contudo, o que importa considerar são as relações de forças.

Ainda devemos considerar nessas formas de narrar os sistemas de verdade em que se constroem discursos – terreno por excelência do saber – os quais possibilitam – cumprem uma função – assegurar determinadas posições de poder, que garantem vantagens a grupos específicos. Ainda sobre os sistemas de verdade, cabe apontar a questão primordial acerca de quem os produz e em que contexto é produzido. Necessita-se, portanto, ter em vista os dispositivos políticos – cujo discurso é um de seus elementos – os quais agregam instrumentos capazes de sustentar os efeitos de verdade. Verdades estas que surtem efeitos na produção de estereótipos.

O que propomos ao leitor é que se debruce sobre o problema histórico de preconceito contra migrantes nordestinos, a partir do fenômeno migratório, tendo em vista o jogo de relações na vida social que pode ser aludido como arranjo de estratégia, a qual dá forma e conteúdo à exclusão do outro indesejado.

Considerando a observação acima, o sotaque e o vocabulário nordestinos são novos exemplos de marcadores de diferença de classe, de cultura, de região, constituintes do *habitus* e acionados nas lutas sociais como classificadores daqueles que se pretende dominar.

Sobre os corpos nordestinos, cabe tomar nota que a presença deles no *Sul* e a conseqüente ojeriza pelos grupos têm a marca do racismo. Os trabalhadores que vinham dos espaços periféricos na região, além de exercerem atividades sem qualificação, eram considerados “pessoas de cor”.

Além das dificuldades intrínsecas a um mercado de trabalho que passava por intensas transformações, os migrantes nordestinos defrontaram-se, em sua busca por emprego, com explícitas demonstrações de preconceito e exclusão. Um série de reportagens do jornal *Última Hora* em 1955 denunciava, por exemplo, que

várias fábricas da Região Metropolitana de São Paulo recusavam-se a empregar trabalhadores nordestinos e negros. (FONTES, 2008, p.67).

Segundo dados do IBGE (2010), na região Nordeste está o maior índice de pessoas autodeclaradas negras. Nesse cenário, a Bahia é destaque.

Os migrantes estão significativamente presentes nos espaços que ocupam na cidade. Não reduzidos a atividades específicas, qualificadas como tradicionais de uma cultura nordestina, como as casas do Norte, os bares e/ou festividades como o forró etc. Estes grupos não se limitam apenas a aspectos originários de sua cultura, estão disseminados e inseridos na totalidade do espaço social. A própria noção de origem cultural deve ser repensada. O apelo à tradição ou ao purismo é problemático na medida em que podem colaborar para a formação dos estereótipos e estigmas.

Ao considerar o conceito de hegemonia desenvolvido por Gramsci para qualificar relações de dominação entre determinados grupos em um dado universo social, Raymond Williams traz o conceito sob sua condição dinâmica e processual, dando destaque aos processos de incorporação.

A hegemonia constitui, então, um sentido de realidade para a maioria das pessoas em uma sociedade, um sentido absoluto por se tratar de uma realidade vivida além da qual se torna muito difícil para a maioria dos membros das sociedades mover-se, e que abrange muitas áreas de suas vidas. Mas não se trata, de forma alguma de um sistema estático, exceto na execução de um momento de análise abstrata. Ao contrário, só podemos entender a cultura efetiva e dominante se compreendermos o processo social real do qual ela depende: refiro-me ao processo de incorporação (WILLIAMS, 2011, p. 54)

Essa ordem de incorporação identificada por Williams nos é cara. Os processos de educação, de uma formação social muito mais ampla no seio de instituições como a família, as definições práticas e a organização do trabalho, a tradição seletiva, todos cooperam para a formação de um campo hegemônico

Ainda sobre a participação da literatura, do cinema, das produções acadêmicas e audiovisuais etc., para o universo das relações sociais e sobre as formas de poder justapostas nesse campo, o trabalho de Said sobre o orientalismo é de grande colaboração.

Acreditar que a política na forma de imperialismo tem influência sobre a produção de literatura, erudição, teoria social e escrita da história de modo algum equivale a dizer que a cultura é uma coisa diminuída ou denegrida. Muito pelo contrário: tudo o que eu quero dizer é que podemos entender melhor a persistência e a durabilidade de sistemas hegemônicos saturantes como a cultura quando nos

damos conta de que as suas coações internas sobre escritores e pensadores eram produtivas, e não unilateralmente inibidoras. Esta é a ideia que Gramsci, Foucault e Raymond Williams estiveram tentando ilustrar, cada um à sua maneira. (SAID, 1996, p.23)

Quando afirmam que todos são baianos, os *estabelecidos* em Américo Brasiliense, originários em boa parte de uma imigração europeia, sentem-se aptos a tratarem um fenômeno que tem como características a diversidade de modo homogêneo, sob a premissa de verdades estabelecidas.

Chamamos a atenção para esse fenômeno na diáspora nordestina enquanto problema nacional. Em São Paulo, de modo geral, os baianos são utilizados para classificar o Nordeste. No Rio de Janeiro, o termo em uso é *paraibas* e assim permanece, a depender do perfil migratório nos espaços. O que nutrem em comum são os dispositivos políticos de poder e dominação. Em que pese esses domínios, destaca-se que esse jogo de relações não deve ser compreendido como um jogo de forças pendente para o “lado mais forte”. Nesse cenário de disputas, imbricados em determinadas posições, os sujeitos possuem sua autonomia e buscam constantemente por ela.

Isso posto, é importante ter em mente que, nesse caso, os *outsiders*, não se inserem no cenário como figurantes, ou passivos, de outro modo, na luta cotidiana, buscam por desenhar a sua trajetória como sujeitos, que são, de sua própria história.

Finalmente, cabe apontar que a migração Nordestina não esteve reduzida à reserva de braços fortes para o desenvolvimento nacional; diversamente, as idas e vindas desses sujeitos também são marcadas pela migração de ideias, do conhecimento científico, da mão-de-obra técnica e qualificada, além do papel político e econômico desses grupos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço de nosso trabalho, tendo como referencial empírico para a reflexão o caso concreto de Américo Brasiliense, onde a migração canavieira tornou-se núcleo de atração para migrantes no município, esteve centrado no fenômeno migratório nordestino no Brasil enquanto evento de destaque nos fluxos de mobilidade humana interna. A partir de discursos agressivos e de caráter preconceituoso acerca dos migrantes na cidade, nos empenhamos em abarcar essas narrativas relacionando-as com o cenário nacional. Assim, na ânsia de conhecer minimamente os dispositivos que sustentam essas práticas discursivas, passamos a ler o fenômeno das idas e vindas da população nordestina como evento histórico, entrelaçado a aspectos econômicos, sociais e políticos.

Nessa seara, o fenômeno da seca no que se refere a seus problemas ambiental, social e econômico, que vai ganhando contornos políticos – apresentada pela literatura como motivo essencial do êxodo sertanejo – apresentou-se como arcabouço que julgamos necessário para tratar as idas e vindas dessas pessoas sob o conceito de diáspora nordestina. Compreendemos que os problemas decorrentes das condições estruturais, aliados às estratégias ineficientes do poder público para lidar com o flagelo que assolava a região bem como a importância da população nordestina para o desenvolvimento do território nacional, somada a sua influência nas relações sociais e culturais, poderiam ser avaliados de acordo com os elementos que a diáspora – como dispersão de determinados grupos em decorrência de fatores subjugadores – incorpora. Ainda, entendemos que o conceito de diáspora enquanto dispersão massiva de grupos de origem comum trouxe à tona a face da violência presente no fenômeno.

Quando a imigração deixa de ser a solução para o desenvolvimento nacional e o trabalhador brasileiro passa a ser estrategicamente relevante, as populações do Nordeste destacam-se como reserva de mão-de-obra para suprir uma necessidade premente. As regiões economicamente e politicamente centrais passam a receber uma migração bem diferente da figura do estrangeiro branco. Nesse cenário, a seca é tida como causa imediata do êxodo populacional. A seca dos dois setes (1877) aparece em nosso trabalho como evento inaugural da migração dos flagelados. Ainda que tenha existido, anteriormente, outros eventos catastróficos na região, essa seca ganha destaque pela importância dada a ela na vida pública.

As promessas de solução para aqueles que sofriam com as tragédias nas regiões de escassez do Nordeste não encontraram efetividade, permaneceram no ciclo infrutífero da eventualidade,

com poucos projetos de progresso. Os casos de corrupção com verbas públicas, à princípio destinadas para a resolução das secas alarmantes, são expressivos como exemplos de ingerência e descaso de agentes políticos e do Estado, com o apoio de elites locais. Em decorrência dessa situação, autores como Celso Furtado e Albuquerque Júnior passam a falar de uma indústria da seca.

A partir da Grande Seca, surgirão ampla produção literária, cinematográfica, jornalística e mais recentemente televisiva – as telenovelas são expressivas – sobre o problema ambiental, que passa a ser social, econômico e político. Essa produção cultural, ainda que tenha tido uma aspiração de denúncia social, incorporada pelo senso comum via comunicação de massa, colaborou, enquanto sistema simbólico, para a construção de estigmas e estereótipos sobre o Nordeste e nordestinos. Nesse campo produtivo, o retirante nasce como figura emblemática e representativa daqueles com a mácula do sofrimento. Sai de sua terra natal para se dedicar ao trabalho braçal, com ele vem a sua família, todos atingidos pela desventura de seu destino. O assinalamento de gente miserável, com todos os efeitos nocivos que o significado deste adjetivo pode surtir, acompanhou o nordestino, o qual passaria a ser tratado de forma invariável, por onde passasse e ou resolvesse ficar.

Nesses deslocamentos, os fluxos para o trabalho no “mar de cana” (SILVA, 2006) merece atenção, não apenas pelo universo empírico da pesquisa, mas também por tudo o que provocou. Como são os casos das denúncias de exploração, que escancaravam a condenação de jovens ao trabalho exaustivo, deixando sequelas físicas e mentais, ao mesmo tempo em que oferecia ao setor bilionário da agroindústria no país a produtividade desejada e que deveria ser alcançada no mesmo ritmo das máquinas – que, de fato, os substituíram posteriormente – experiência que evidencia ainda mais as faces de violência da dispersão de trabalhadores nordestinos pelo país.

A importância da migração para o canaviais na cidade doçura – alcunha dada ao município em decorrência da atividade canavieira – relaciona-se ao seu universo econômico, social, demográfico e cultural. Os migrantes foram úteis como mão-de-obra para os trabalhos nos canaviais, colaboraram com a dinâmica econômica da cidade, estão presentes na formação dos bairros e urbanização do município, inserem-se na vida social, são organizados por dados estatísticos e tem uma participação fundamental no universo cultural em que estão inseridos. Dessa forma, o fenômeno migratório no município tem sua face positiva, no que diz respeito à grandiosa colaboração desses grupos para o desenvolvimento da cidade bem como pelas conquistas angariadas por eles. Há uma troca de capital não só econômico, mas também cultural e social.

Entretanto, na esteira de ganhos resiste aspectos dramáticos. A experiência da migração no município ensejou a produção de estigmas, encorajando narrativas preconceituosas, as quais insistem em organizar os nordestinos sobre a unidade identificadora de *baianos*, de modo a enquadrá-los na categoria dos miseráveis. Essa realidade de violência, embora trabalhada em Américo Brasiliense como recorte empírico, apresenta aspectos que são compartilhados nos diversos espaços em que a migração nordestina foi expressiva e ali se fixaram, ocupando e dando vida aos territórios. À vista disso, a retórica de desrespeito presente no interior de São Paulo emerge igualmente em outros territórios.

As qualidades selecionadas, ancoradas em possíveis traços originários dos grupos, são essencializadas, não considerando qualquer processo de dinamicidade e transformação, como se fossem elementos de uma cultura orgânica, fechada em si mesma. Ademais, normalmente busca-se adjetivos capazes de oferecer sentidos pejorativos. Nos diversos contextos, as estratégias de produção de verdade sobre o outro estão profundamente ancoradas no poder e autoridade de reafirmar quem são eles e de que modo devem ser apreendidos. Para tal, para que os discursos e representações continuem sustentando tais produções, importam seus produtos finais, como as instituições, os sistemas simbólicos, o poder econômico e político.

Concebermos o fenômeno da migração de escassez no Nordeste sob o conceito de diáspora, proporcionou-nos avaliar questões que tangem a construção identitária desses sujeitos. Entendemos que, na medida em que condições estruturais provocaram deslocamentos constantes, resultando num processo de dispersão, não é adequado compreender a formação de identidades como unidades orgânicas, o que acontece se se insiste no retorno a uma suposta “origem” cultural. Importa depreendermos os processos de ressignificação do universo cultural de seus agentes, sem ter em vista a ilusão de fixidez.

Ao encaixar esses grupos em categorias orgânicas, sejam elas o *baiano* – no caso de Américo Brasiliense – *paraíba*, *cearense* ou *maranhense*, com o objetivo de estereotipá-los e estigmatizá-los, ocultamos a complexidade dos deslocamentos bem como a diversidade de sua população. A categoria garante a possibilidade de organizar e selecionar a origem, em hipótese de fácil identificação. Essa estratégia é facilitada a partir da seleção de traços culturais do Nordeste considerados como tradicionais, universais, originários, permanentes e estáticos, representados e disseminados nas produções culturais de massa. Esses mecanismos são cruciais para a formação

de narrativas xenofóbicas que são carregadas de elementos de preconceito, de estigma e de estereotipia.

Em nosso trabalho, buscamos enquadrar o fenômeno migratório nordestino naquilo que julgamos adequado denominar de migração de escassez. O termo se justifica pelo fato de não ser a seca a motivação única e exclusiva daqueles que escolheram deixar a terra natal. Portanto, a diáspora nordestina não compreende apenas o cenário de subsistência mínima, outrossim abrange saídas voluntárias e projetos pessoais de grupos favorecidos. Ademais, é crucial destacar o papel da migração de ideias, no sentido de produção literária e intelectual, das diversas partes do Nordeste.

O recorte dado à esta migração de escassez importa por sua face de violência. A retórica discursiva sobre o Nordeste e seu povo fundamenta-se no preconceito linguístico, no racismo, nas disputas identitárias e culturais. Recuperar os processos históricos que ocasionaram o êxodo nordestino – aqui centrado no sertanejo e retirante – foi crucial para a reflexão sobre os olhares e discursos dominantes, que aparecem no trabalho de campo sem se restringir a esse universo empírico.

Assim sendo, a despeito da importância indiscutível da população Nordestina para o desenvolvimento nacional, enquanto agentes de relevo, evidenciada nos diferentes períodos estratégicos de progresso econômico do país – a destacar, os deslocamentos para o Oeste Paulista, nos cafezais e posteriormente canaviais; para os seringais, no período da Batalha da Borracha e para ocupação do território, na Marcha para o Oeste, durante a Era Vargas; para o projeto de industrialização, na grande metrópole paulistana; para a construção de Brasília; para a construção da transamazônica, grande empreendimento da Ditadura Militar; além de sua colaboração no processo de urbanização das grandes e médias cidades – narrativas hegemônicas continuam a insistir na apresentação desses grupos como meros coadjuvantes.

O grande problema é que as práticas discursivas e seus efeitos lesivos sobre esses migrantes nordestinos não abrangem apenas as relações cotidianas ou a subjetividade dos que sofrem os ataques, mas também refletem nas ações do poder público que, historicamente, desde que as vítimas das tragédias que assolam o Nordeste tornaram-se problema nacional, os governantes vêm negligenciando a região e sua população e/ou, na primeira oportunidade, fazem questão de reverter direitos que eventualmente conquistaram.

Esperamos, com este trabalho, ainda que de forma incipiente, ter colaborado para o debate sobre a mobilidade dos nordestinos pelo país e suas consequências, de modo a provocar no leitor a

reflexão sobre os principais problemas que se revelam no fenômeno, especialmente no que diz respeito à sua faceta da violência física e simbólica.



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: A seca no imaginário nordestino - de problema à solução (1877-1922)**. 1988. 416 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História do Brasil, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988

ALEGRE, Sylvia Porto. "Fome de braços" - Questão nacional: Notas sobre o trabalho livre no Nordeste no século XIX. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 17, n. 2, p.105-142, 1986.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de; LOGATTO, Rosângela. Imagens da seca de 1877-89 no Ceará: Uma contribuição para o conhecimento das origens do fotojornalismo na imprensa brasileira. **Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 114, n. 1, p.71-83, 2 jun. 1994.

BACCARIN, José Giacomo; GEBARA, José Jorge. Mineiros no corte da cana na região de Ribeirão Preto. **Travessia: Revista do migrante**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.16-22, ago. 1988.

BAENINGER, Rosana. **Região, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes – Brasil, 1980-1996**. 243f. Tese (Doutorado em Demografia)– Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

BAENINGER, Rosana. **Migrações internas no Brasil: municípios metropolitanos e não-metropolitanos**. In: Encontro Nacional sobre Migrações, 2., 1999, Ouro Preto. Anais... Belo Horizonte: ABEP, 1999.

BAENINGER, Rosana. **Migrações internas no Brasil século 21: evidências empíricas e desafios conceituais**. In: CUNHA, J. M. P. (org.) Mobilidade especial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2011. p. 71- 9

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ufmg, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRASILIENSE, Prefeitura Municipal de Américo. **História da Cidade**. Disponível em: <<http://www.americobrasiliense.sp.gov.br/site/historia-da-cidade/>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

BUARQUE, Chico. Assentamento. Rio de Janeiro: BGM Brasil, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ScAUZiCRCJA>. Acesso em: 02 mar. 2020.

CARDOSO, Ruth (Org). **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CEVASCO, Maria. Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CLARO, Luiz Fernando Telles. **Cidades médias, industrialização e agricultura no interior do Estado de São Paulo**. 1989. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 1989.

CORRÊA, Joaquim Antonio. **A Secca**. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/brasilliana/browse?value=Corr%C3%AAa%2C+J.+A.&type=author>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNNIFF, Roger L. The birth of the drought industry: imperial and provincial reponse to the great drought in northeast Brazil, 1877-1880. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 6, n. 1, p.65-82, 1975.

DA CUNHA, Manoela Carneiro. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DA MATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". In: NUNES, Edson Oliveira. **A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. ed. 5. Petrópolis: Vozes, 2000.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS - DNOCS. Boletim Técnico. v. 43, n. 2, 1985

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade: A vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

ELIAS, Denise. Redes agroindustriais e urbanização dispersa no Brasil. **Scripta Nova, Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, 2008, v. XII, p. 74-96.

ELIAS, Denise. Agricultura e produção de espaços urbanos não metropolitanos: notas teóricometodológicas. In: SPOSITO, M. E. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. 1 ed. SP: Expressão Popular, 2007

ELIAS, Denise; PEQUENO, R. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR)**, 2007, v. 9, p. 25-39, 2007.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000

FERREIRA, Enéas Rente. **A formação da região canavieira de Araraquara: o papel do Estado e das agroindústrias do açúcar e do álcool no processo de organização do espaço.** 1987. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Unesp/igce, Rio Claro, 1987.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. **Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66).** São Paulo: FGV, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber.** 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Microfísica do Poder: Graal, 1990.

FRANÇA, Ary. **A marcha do café e as frentes pioneiras.** Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia. 1960. Série Guia da Excursão nº3, realizado por ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia.

FRANÇOSO, Luís Michel. Linchaquara: O assassinato dos Brito. **Cadernos de Campo,** Araraquara, v. 19, n. 19, p.61-85, 2015.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista.** 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47-75

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: Aspectos da influência da Cana sobre a vida e paisagem do Nordeste do Brasil.** 7. ed. São Paulo: Global, 1973.

GARCIA JUNIOR, Afranio Raul. **O Sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social.** São Paulo: Unb, 1989.

GEERTZ, Clifford. **Nova Luz Sobre a Antropologia.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001

GOMES, Aloisio. **Tudo é Baiano.** 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=02cybj2ShOM>. Acesso em: 29 jul. 2020.

GORDINHO, Margarida Cintra; GARCIA, Marília Fontana. **João Ometto: uma trajetória de vida.** São Paulo: Marca D'Água, 2001.

GUEDES, André Dumans. **Andança, agitação, luta, autonomia, evolução: Sentidos de movimento e da mobilidade**. *Ruris*, Campinas, v. 8, n. 1, p. 111-141, mar. 2015.

GUEDES, André Dumans. **O trecho, as mães e os papéis. Etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás**. São Paulo: ANPOCS; Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

GUIRARDELLO, Nilson. **À beira da linha: Formações urbanas da Noroeste paulista**. São Paulo. FAU-USP, 1999, Tese (Doutorado).

GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas**. Lisboa: Estampa, 1974.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ufmg, 2003.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referenciais a publicações e divertimentos**. Lisboa: Presença, 1973.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Nupcialidade, fecundidade e migração: Resultados da amostra**. Rio de Janeiro: Ibge, 2012.

\_\_\_\_\_. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010a. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 de dez de 2019.

IPEA. **Comunicados do IPEA nº 61: Migração interna no Brasil**. Brasília: Ipea, 2010.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru. EDUSC, 2002

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Edusp, 1970.

LIMA, José Roberto de; MAGALHÃES, Antonio Rocha. Secas no Nordeste: registros históricos das catástrofes econômicas e humanas do século 16 ao século 21. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 23, n. 46, p.191-212, jun. 2018.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MAGALHÃES, A. et al. The effects of climate variations on agriculture in Northeast Brazil. In: PARRY, M.; CARTER, T.; KONIJN, N. (eds) **The Impact of Climate Variations on Agriculture**. v. 2. Assessments in Semiarid Regions. Amsterdam: Kluwer Academic Publishers, 1988. p. 277–304

MARENGO, J.A.; ALVES, L.; AVALA, R.; BRITO, S.; MORAES, O. Climatic characteristics of the 2010-2016 drought in the semiarid Northeast Brazil region. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**. São Paulo 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0001-3765201720170206>. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0001-37652017005019115](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0001-37652017005019115) Acesso em: 10 de jan. de 2020

MARTINS, José de Souza. **A militarização da questão agrária no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985

MARTINS, José de Souza. O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p.31-36, out, 2001.

MARTINS, José de Souza. **O voo das andorinhas**: migrações temporárias no Brasil. In: Não há terra para plantar neste verão. Petrópolis. Vozes, 1986.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. São Paulo: Petrópolis, 1983.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. **A questão da reforma agrária no Brasil: 1955-1964**. 1982. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

MELLO, Alcino Teixeira. **Nordestinos na Amazônia**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Imigração e Colonização, 1956.

MENDONÇA, Juliana de Aquino; Queda, Oriowaldo. **A agroindústria canavieira na região de Araraquara**: a formação das usinas e os efeitos do processo de desregulamentação. In: XVII Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2018, Araraquara - SP. XVII Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2018.

MENEZES, Marilda Aparecida de. **Da Paraíba para São Paulo e de São Paulo para Paraíba**: migração, família e reprodução da força-de-trabalho. 1985. Dissertação—Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1985.

MENEZES, Marilda Aparecida de. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes**: Um estudo de famílias de camponeses migrantes. João Pessoa: Relume Dumará, 2002

MENEZES, Lená. Imigração europeia no Brasil: discursos, práticas e representações, 1870- 1930. **Latinidade**, v.3, p.73-84. 2013.

MENEZES, Marilda Aparecida. **Trajetórias migratórias e representações dos camponeses**. In: MONTEIRO, John Manuel; BLAJ, Ilana (Org.). História & Utopias. Textos apresentados no XVII Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, 1996, p. 451-459.

MILLIET, Sergio. **Roteiro do café**: análise histórico-demográfica da expansão cafeeira na Estado de São Paulo. Série Estudos paulistas; São Paulo: [s.s.], 1938.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, Polis, 1984.

MORAES, Márcia Azanha Ferraz Dias de; FIGUEIREDO, Margarida Garcia de; OLIVEIRA, Fabíola Cristina Ribeiro de. Migração de trabalhadores na lavoura canavieira paulista: uma investigação dos impactos socioeconômicos nas cidades de Pedra Branca, Estado do Ceará, e de

Leme, Estado de São Paulo. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 52, n. 2, p.21-35, dezembro, 2009.

MORALES, Lúcia Arrais. **Vai e vem, vira e volta: as rotas dos soldados da borracha**. São Paulo: Annablume, 2002.

NEGRI, Barjas. **A interiorização da indústria paulista**. In: A Interiorização do Desenvolvimento Econômico no Estado de São Paulo (1920-1980). Coleção Economia Paulista, vol. 1, n.2, São Paulo, SEADE, 1988.

NEVES, Frederico de Castro. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. **Tempo**, Niterói, v. 11, n. 22, p.80-97, 2007

NEVES, Frederico de Castro. Curral dos bárbaros: Os campos de concentração no Ceará. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p.93-122, 1995.

NOGUEIRA, Verena Sevá. **Sair pelo mundo: A conformação de uma territorialidade camponesa**. 2010. 283 f. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2010

NOVAES, José Roberto; ALVES, Francisco. **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

**O BESOURO**. Rio de Janeiro. v. 16, 20 jul. 1878. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749915&PagFis=176>>. Acesso em: 09 de jan. de 2020

ORTNER, Sherry Beth. Teoria na Antropologia desde os anos 60. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p.419-466, 2011.

PUPIM, Rafael Giácomo. **Cidade e território do Oeste Paulista: mobilidade e modernidade nos processos de construção e re-configuração do urbano**. 2008. 238 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Usp, São Carlos, 2008.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

RIGAMONTE, Rosani Cristina. **Sertanejos Contemporâneos: entre a metrópole e o sertão**. São Paulo: Humanita, 2001.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto et al. **Geografia do Nordeste**. 2. ed. Natal: Edufrn, 2011.

RODRIGUES, Natalicio de Melo. **Todas as secas registradas no polígono das secas no semiárido do Nordeste do Brasil.** 2016. Disponível em: <<https://natalgeo.blogspot.com/2016/02/todas-as-128-secas-registradas-no.html>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

SAHLINS, Marshall. **O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica:** porque acultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 41-73, abril, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010493131997000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493131997000100002&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 26 jul. 2016.

SAHLINS, Marshall. **O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica:** porque acultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.103-150, out.1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010493131997000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493131997000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 jul. 2016

SAID, Edward Wadie. **Cultura e imperialismo.** Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward Wadie. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente.** São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

SALATA, Rosemeire. **Nas terras dos outros:** deslocamentos laborais, espaços de vida e projetos de autonomia entre camponeses migrantes. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 30, 2016, João Pessoa/PB. Resumos... João Pessoa/ PB: Universidade Federal da Paraíba, 2016, p. 21.

SALATA, Rosemeire. **Deslocamentos Laborais, espaços de vida e projetos de autonomia: trajetórias de mobilidade em Santa Lúcia – SP.** 2017. 225 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2017

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** SP: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira.** SP, Hucitec, 1993

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Edusp, 1998.

SCHLESENER, Anita Helena. **Hegemonia e cultura: Gramsci.** Curitiba: Ed. da Upper, 1992.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Francisco Eleud Gomes da. **“Batalha de Borracha”:** O contexto da migração cearense para a Amazônia no período de 1939 a 1970. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociedade e Cultura, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015

SILVA, Maria Aparecida Moraes. **Destinos e trajetórias de camponeses migrantes**. In: Anais VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Vol. 3. ABEP, pp.161-77, 1992

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MENEZES, Marilda Aparecida de. **Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões**. Revista Eletrônica do Nerd, Brasília/ DF, 2006

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Mortes e acidentes nas profundezas do "mar de cana" e dos laranjais paulistas. **Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, São Paulo, v. 3, n. 2, p.2-31, ago. 2008.

SINGER, Paul. **Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo**. In: Economia política da urbanização. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

SOUZA, Paulo Henrique de. **Aspectos históricos, antrópicos e ambientais da ocupação do espaço no extremo Noroeste paulista: O caso do município de Santa fé do Sul**. 2005. Tese (Doutorado) – EESC-USP, São Carlos, 2005

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TAVARES, Maria da Conceição; ANDRADE, Manuel Correia de; PEREIRA, Raimundo. **Seca e Poder: Entrevista com Celso Furtado**. São Paulo: Perseu Abramo, 1998

TELLAROLLI, Rodolpho. **Britos: República de Sangue**. São Paulo: Macunaíma, 1997

TELLAROLLI, Rodolpho. **Os sucessos de Araraquara: estudo em torno de um caso de coronelismo em fins do século XIX**. 1976. 292 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976

VAINER, Carlos B. Estado e Migrações no Brasil.: Anotações para uma história das políticas migratórias. **Revista do Migrante**, São Paulo, v. 36, n. 13, p.15-32, abr. 2000.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Unesp, 2011

WILLIAMS, Raymond. **Cultura Y Sociedad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



## APÊNDICES

**APÊNDICE A** – Registros de um quintal de migrantes.

Pai e filha, 1996.



**Fonte:** Acervo pessoal

Jovem vai à escola, 1998.



**Fonte:** Acervo pessoal

Mulher realizando atividades domésticas, 2000<sup>39</sup>



**Fonte:** Acervo pessoal

---

<sup>39</sup> As marcas escuras no tanque são das águas sujas que saiam das roupas do corte de cana.

Crianças brincando, 1999.



**Fonte:** Acervo pessoal.

Família reunia em quarto coletivo<sup>40</sup>, 2004.



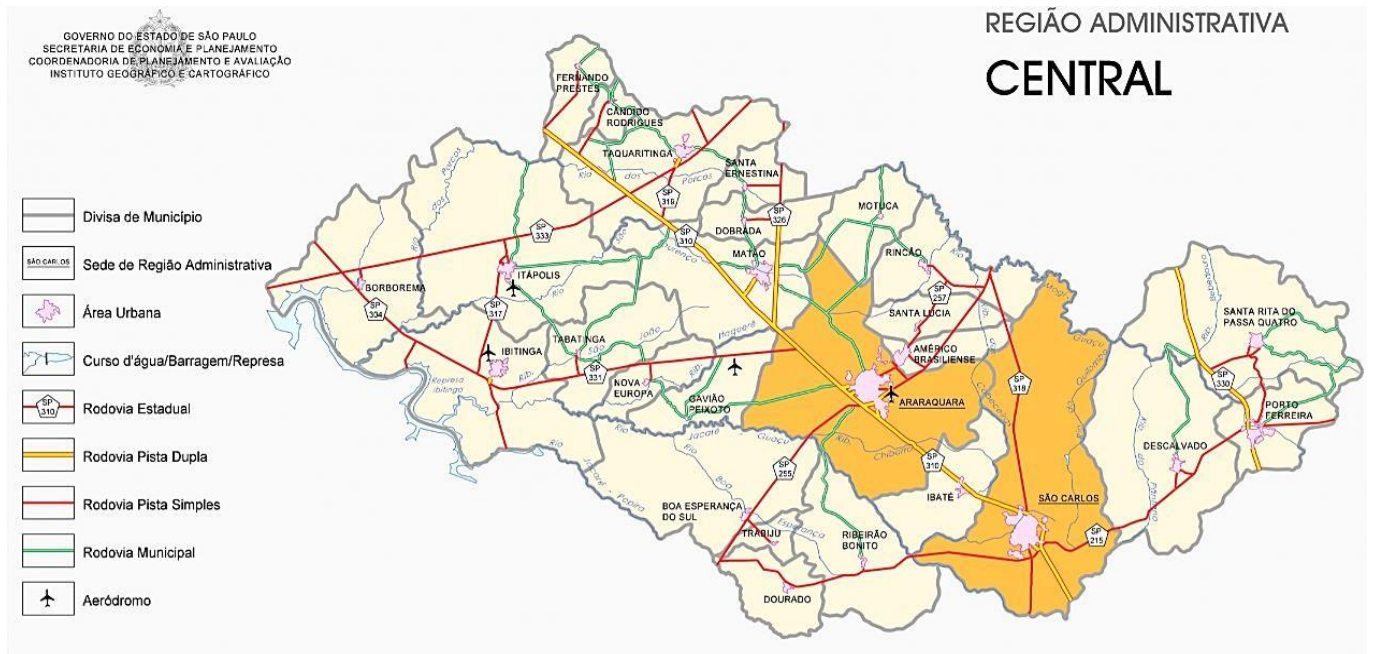
Fonte: Acervo pessoal

---

<sup>40</sup> Os barracos nos quintais de migrantes tinham uma estrutura defasada, com poucos cômodos, limitando-se normalmente a três. A divisão mais comum era quarto, cozinha e banheiro ou cozinha e dois quartos, sendo o banheiro de uso coletivo nos quintais.

## **ANEXOS**

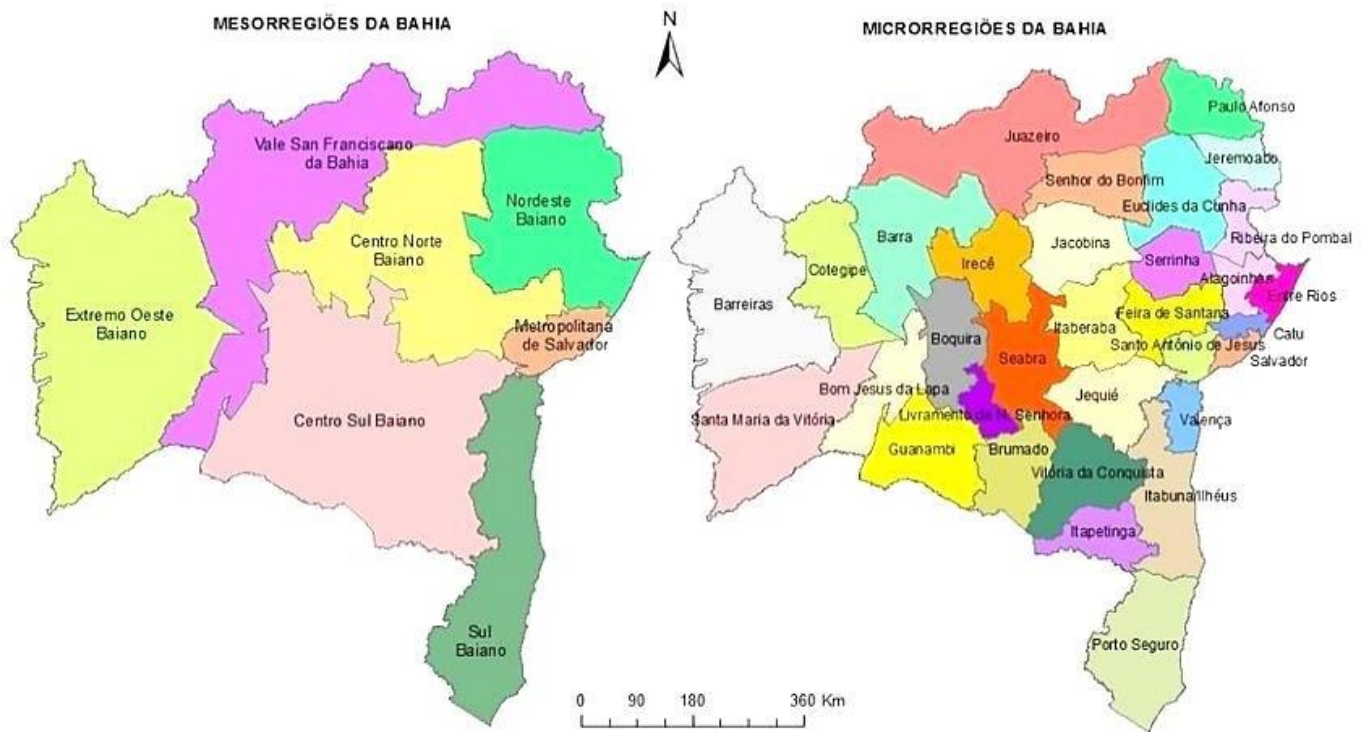
**ANEXO A – Mapa da região administrativa central de São Paulo onde está localizado Américo  
Brasiliense.**



**Fonte:** Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo



ANEXO B – Mapa mesorregiões e microrregiões da Bahia.



Fonte: Researchgate <sup>41</sup>

<sup>41</sup> DRUMOND, Carlos Eduardo. **Mesorregiões e Microrregiões da Bahia**. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mesorregioes-e-Microrregioes-do-Estado-da-Bahia\\_fig1\\_323216778](https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mesorregioes-e-Microrregioes-do-Estado-da-Bahia_fig1_323216778)>. Acesso em: 27 fev. 2020.